

INTERNACIONALIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO

Pedra & Cal

Conservação & Reabilitação



Em Análise

Universidade de Coimbra, Alta e Sofia.
Há 725 anos a construir património

Boas Práticas

Levantamento e análise de
edifícios tradicionais butaneses

A conservação e restauro de órgãos
de tubos no panorama ibérico



Na Salvaguarda do Nosso Património

Para além do seu valor histórico e simbólico, um edifício é um conjunto de materiais sabiamente interligados.

Paredes de alvenaria de pedra, gaiolas ou tabiques são exemplos de técnicas complexas, praticamente esquecidas com a construção nova e materiais associados.

É obrigação de todos zelar para que os edifícios que integram o nosso Património continuem a sua vida útil e intervir de modo a manter-lhes a dignidade. Reabilitá-los é preservar a transmissão de valor.

A AOF é uma empresa com mais de 50 anos de existência, sempre ligada à salvaguarda do Património. Soube adaptar-se às novas maneiras de entender a intervenção, apostando fortemente na formação dos seus colaboradores.

A AOF possui um grupo técnico alargado e altamente especializado na área de conservação e restauro.

Parque da Boavista
Avenida do Cávado nº160
4700-690 Braga
Tel. +351 253 263 614
www.AOF.pt



Local – Igreja Matriz de Caminha – Tecto da Nave Central –
Fotografia - José Mesquita



Sumário

14. REPORTAGEM
O mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Diminuição da Cultura e resgate do Património

24. ENTREVISTA
O Património como vetor de desenvolvimento. Entrevista a Juan Carlos Prieto

34. POLÍTICAS PÚBLICAS
O Património edificado da Região Centro e a ação da Direção Regional

44. REFLEXÕES
Património Industrial e Técnico. Novos desafios para o século XXI

04 EDITORIAL

Vitor Córias

06 EM ANÁLISE

Feira do Património. A caminho da internacionalização do sector

10 REPORTAGEM

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Diminuição da Cultura e resgate do Património

18 BOAS PRÁTICAS

Acitores-Samthiago, cooperação empresarial transfronteiriça. A conservação e restauro de órgãos de tubos no panorama ibérico

21 ENTREVISTA

O Património como vetor de desenvolvimento. Entrevista a Juan Carlos Prieto

28 GESTÃO DO PATRIMÓNIO

Spira. A aproximar pessoas do património desde 1998

Ficha Técnica

Pedra & Cal

Conservação e Reabilitação

Nº 59 | 2.º Semestre
Julho > Dezembro 2015

Pedra & Cal, Conservação e Reabilitação é reconhecida pelo Ministério da Cultura como publicação de manifesto interesse cultural, ao abrigo da Lei do Mecenato.

EDITOR E PROPRIETÁRIO | GECoRPA – Grémio do Património



GRÉMIO DO PATRIMÓNIO
Instituição de utilidade pública
(despacho n.º 14926/2014 do D.R. 238/2014, 2.ª Série, de 2014-12-10)

DIRETOR | Vitor Córias

COORDENAÇÃO | Joana Morão - Canto Redondo

PAGINAÇÃO | Joana Torgal - Canto Redondo

REDAÇÃO | Regis Barbosa - Canto Redondo

CONSELHO EDITORIAL | Alexandra de Carvalho Antunes, André Teixeira, Catarina Valença Gonçalves, Fátima Fonseca, João Appleton, João Mascarenhas Mateus, Jorge Correia, José Aguiar, José Maria Amador, Luiz Oosterbeek, Maria Eunice Salavessa, Mário Mendonça de Oliveira, Paulo Lourenço, Soraya Genin, Teresa de Campos Coelho

COLABORADORES | A. A. Costa, A. C. Carvalho, Ana Abrunhosa, Antero Leite, B. Quelhas, Carlos José Abreu da Silva Costa, Catarina Valença Gonçalves, Clara Almeida Santos, Federico Acitores Cabezudo, Inês Costa, J. L. Vasconcelos, J. M. Guedes, José António Roxo, Leonor Medeiros, Miguel Brito Correia, T. Ilharco, Vitor Córias, V. Lopes

IMPRESSÃO & ACABAMENTO
ACD Print

PUBLICIDADE

Canto Redondo
geral@cantoredondo.eu

Tel.: 21 885 20 35

GECoRPA - Grémio do Património

SEDE DE REDAÇÃO

GECoRPA - Grémio do Património
Avenida Conde Valbom, 115 - 1 Esq.^o
1050-067 Lisboa
Tel.: 213 542 336
www.gecorpa.pt
info@gecorpa.pt

DISTRIBUIÇÃO Vasp, S.A.

DEPÓSITO LEGAL 128444/00

REGISTO NA ERC 122549

ISSN 1645-4863

NIPC 503980820

TIRAGEM 2500 Exemplares
Publicação Semestral

Os textos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores, pelo que as opiniões expressas podem não coincidir com as do **GECoRPA**.

CAPA:

Via Latina, Universidade de Coimbra.
© João Armando Ribeiro



Prestação de serviços especializados de conservação do Património: as PMEs portuguesas estão disponíveis

Specialized services of Heritage conservation: the Portuguese SMEs are available

Vítor Cóias | Diretor da Pedra & Cal

Várias ideias vêm à mente quando se pensa em “Internacionalização do Património”, o tema escolhido para a edição de 2015 da Feira do Património. A mais rápida será a articulação do Património com o Turismo. E não é descabida, sabendo-se das vantagens do turismo cultural sobre o turismo massificado, “low cost”, em particular nos países pequenos, como é o nosso.

Do ponto de vista das empresas, porém, a “internacionalização do património” faz pensar, sobretudo nos tempos que vão correndo, em formas de exportar serviços especializados da área da conservação e restauro do património cultural construído, ou seja, dos monumentos, edifícios e conjuntos históricos.

Será isso possível para as empresas portuguesas? Se é possível – e acredito que o seja – para que mercados? Para que tipo de construção?

Penetrar novos mercados nunca é fácil. Prestar serviços de conservação e restauro outros mercados, ainda o será menos. O segmento restrito da conservação e restauro, quer na vertente técnico-artística, quer na vertente construtiva e estrutural, é, muitas vezes, abordado ao nível regional, por pequenas e médias empresas locais. Isto é o que acontece em muitos países europeus. A tecnologia e a tradição construtiva variam de região para região e, ainda mais, de país para país.

Portugal tem, no entanto, uma tradição universalista... “Moldei as chaves do

mundo, a que outros chamaram seu...” E, aonde chegou, construiu. Deste modo, as nossas construções espalham-se pelos cinco continentes e testemunham do nosso saber e da nossa capacidade de realização. A cantaria, a alvenaria, o estuque e a carpintaria são artes com longas tradições entre nós, e que, hoje, um bom número dos nossos projetistas e construtores conhecem bem. Esta tecnologia construtiva é, por outro lado, utilizada tradicionalmente por muito países, sobretudo na bacia mediterrânea, mas também noutros continentes, e constitui a base de muito do seu património cultural construído.

Por outro lado, várias das nossas universidades e centros de investigação de engenharia civil, que, entretanto, granjearam um notável reconhecimento “lá fora”, têm vindo a colaborar com algumas das nossas empresas especializadas, desenvolvendo técnicas avançadas de reabilitação construtiva e estrutural de construções antigas.

Portugal está, portanto, apto a desenvolver uma nova frente de exportação: a dos serviços especializados de conservação do património cultural construído, frente que, de resto, se pode estender a outros domínios de intervenção da engenharia estrutural, englobando, por exemplo, a reabilitação sísmica não só de construções antigas, mas também de construções de betão armado.

É este o desafio que se coloca às PMEs especializadas do setor da construção, e um objetivo para o qual merece a pena canalizar os apoios do programa Portugal 2020. ■

... several of our universities and civil engineering research centres that have amassed a remarkable recognition abroad, have been cooperating with some of our specialized SMEs, in the development of advanced techniques for the constructive and structural rehabilitation of old buildings.

Portugal is, therefore, poised to develop a new export front: that of specialized services of heritage conservation, a front, moreover, which can be extended to other areas of structural engineering intervention, involving, for example, the seismic rehabilitation not only of old buildings, but also of those with reinforced concrete structures.



GECoRPA
GRÉMIO DO PATRIMÓNIO
Instituição de utilidade pública
(despacho n.º 14926/2014 do D.R. 238/2014, 2.ª Série, de 2014-12-10)

O GECoRPA – Grémio do Património é uma associação de empresas e profissionais especializados na conceção, projeto e execução de intervenções na área da reabilitação do edificado e da conservação do património.

O GECoRPA – Grémio do Património agrega também outras entidades, públicas ou privadas, e simples cidadãos interessados.

Decorridos mais de 15 anos sobre a sua fundação, os **grandes objetivos** do Grémio mantêm uma total – se não acrescida – justificação e atualidade:

Promover a reabilitação do edificado e da infra-estrutura, a valorização dos centros históricos, das aldeias tradicionais e do Património, como alternativa à construção nova, concorrendo, deste modo, para o desenvolvimento sustentável do País;

Zelar pela qualidade das intervenções de reabilitação do edificado e do Património, através da divulgação das boas práticas e da formação especializada, promovendo a qualificação dos recursos humanos e das empresas deste setor e defendendo os seus interesses;

Contribuir para a melhoria do ordenamento e da regulação do setor da construção e para a mudança do seu papel na economia e na sociedade.



Lançamento do
Anuário do Património 2 – 2014



Participação na Feira do
Património 2014, em Guimarães



Visita Estaleiro-Aberto a obras
de reabilitação no Centro
Histórico do Porto



Conferência "Baixa Pombalina a
Património Mundial:
Ainda é Possível?"

A excelência é um objetivo a perseguir em todas as intervenções de conservação e restauro do património edificado.

Feira do Património

A caminho da internacionalização do sector

Inês Costa | Spira – revitalização patrimonial, Lda.

A Feira patrimonio.pt Millennium bcp é um evento pioneiro que pretende promover o sector do Património Cultural enquanto bem que cria valor económico e social, sendo factor de atracção turística, gerador de receitas e fomentador do emprego. Esta iniciativa decorre directamente da plataforma online de informação com edição de conteúdos originais audiovisuais e escritos sobre Património Cultural, a patrimonio.pt.

A

Feira do Património promovida pela Spira – revitalização patrimonial — empresa pioneira na estruturação de oferta patrimonial em Portugal — é a mais recente feira do sector a nível europeu, tomando como exemplo eventos congêneres que se realizam há vários anos em países vizinhos, tais como a Bienal AR&PA (Valladolid, Espanha), o Salon du Patrimoine Culturel (Paris, França), Museums + Heritage (Londres, Inglaterra), Exponatec (Colônia, Alemanha), Denkmal (Leipzig, Alemanha) e Salone del Restauro (Ferrara, Itália).

A Feira do Património tem como objectivo a promoção, valorização e visibilidade do sector do Património Cultural, através da tentativa de agregação dos diversos *players* e *stakeholders* que actuam no sector — instituições públicas, fundações, empresas, ateliers de arquitectura/design, projectos de I&D, formação especializada, alojamentos temáticos, *touring* cultural e paisagístico, operadores turísticos, conservação & restauro, reabilitação urbana, novas tecnologias, museologia, projectos de cooperação internacional, projectos integrados de base territorial, universidades, entre outras organizações.

Para além desta representatividade de agentes actantes no sector, a Feira procura igualmente ser um evento onde são explorados serviços, produtos e actividades complementares com base nos recursos patrimoniais, demonstrando como o património cultural é uma fonte inesgotável de inspiração para matérias lúdicas e pedagógicas: é desta forma que a Feira conta com uma forte programação paralela dirigida a adultos, famílias, crianças e comunidade local, bem como com os serviços complementares de loja especia-



- 1 | Feira do Património.
 2 | Miúdos no Património.
 3 | Feira do Património.



lizada (Chita – variações de património), restauração e cafetaria exclusivas do evento e bilhetética do certame (com o apoio da Eisa).

Com a particularidade de ser a única feira itinerante no contexto das feiras europeias, conta com um número de visitantes superior ao da feira inglesa e é a segunda feira com maior rácio Visitantes/Expositores a seguir à feira italiana.

RÁCIO ENTRE VISITANTES/EXPOSITORES:

SALONE DEL RESTAURO: 113
 FEIRA DO PATRIMÓNIO: 79
 BIENAL AR&PA: 72
 SALON DU PATRIMOINE: 70
 DENKMAL: 30
 EXPONATEC: 24
 MUSEUMS + HERITAGE: 15

Edição 2013 – Economia, Turismo e Património

A primeira edição da Feira do Património decorreu nos dias 18, 19 e 20 de Outubro de 2013 no Museu de Arte Popular em Lisboa, com o apoio destacado da Fundação Millennium bcp, da Direcção-Geral do Patri-

mónio Cultural, do Turismo de Portugal e da Câmara Municipal de Lisboa, entre outras instituições públicas e privadas.

Contou com a presença de 42 entidades participantes (53% públicas e 47% privadas, 65% do sector do Património, 28% do sector do Turismo e 7% do sector da Economia).

Durante os três dias de Feira, teve uma afluência de 2 120 visitantes.

O evento contou com uma diversa programação paralela que incluiu:

- um Seminário Internacional;
- um Debate de Gestão de Rotas de Turismo-Cultural;
- uma sessão de 'Heritage Talks';
- e cerca de 24 actividades, entre actuações, concertos e ateliers.

A totalidade destas acções, assim como a Feira no seu todo, obteve uma pontuação global de 7,5 valores (numa escala de 1 a 10), atribuída por expositores e visitantes, 86% e 88%, respectivamente, afirmando que voltariam a participar / visitar a Feira.

Edição 2014 – Comunicar Património

A segunda edição da Feira do Património decorreu nos dias 10, 11 e 12 de Outubro de

2014 na Casa da Memória em Guimarães, com o Alto Patrocínio do Presidente da República e com os apoios destacados da Comissão Nacional da Unesco, da Secretaria de Estado da Cultura, da AICEP, da Câmara Municipal de Guimarães, do Turismo do Porto e Norte e da Direcção Regional de Cultura do Norte, entre outras instituições públicas e privadas.

A Fundação Millennium bcp manteve e reforçou o seu estatuto de *naming sponsor*, e o Turismo de Portugal reforçou igualmente o seu apoio financeiro ao evento.

40 entidades presentes (espaço lotado e lista de espera), 50% entidades públicas, 50% entidades privadas, 42% do sector do Património, 40% do sector do Turismo, 18% da área da Economia.

Todas as regiões de Portugal representadas, exceptuando Madeira e Algarve.

Actividades económicas representadas: *Touring cultural e paisagístico; Formação especializada; I&D; Conservação & Restauro; Reabilitação urbana; Novas tecnologias; Serviços públicos; Design; Projectos de cooperação internacional; Museologia; Projectos integrados de base territorial.*

3 160 visitantes (crescimento de praticamente 50% relativamente a 2013).

7 acções paralelas resultantes em 40 apre-

sentações de especialistas; c. de 200 assistentes; 30 actividades de animação pedagógica resultantes em c. de 1300 crianças e jovens participantes.

• 80% dos expositores e 94% dos visitantes manifestaram o interesse em visitar a Feira do Património 2015, em Coimbra.

Edição 2015 – Internacionalização do Património

Este ano na sua terceira edição, a Feira do Património desloca-se ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, nos dias 9, 10 e 11 de Outubro de 2015, com o tema “Internacionalização do Património”. O foco na internacionalização do sector tem como objectivo contribuir para gerar novas oportunidades aos agentes culturais, sejam instituições governamentais, empresas, entidades educativas, associações sem fins lucrativos, entre outras.

Resultado das parcerias estabelecidas com a organização dos eventos congéneres em Espanha e França, a Feira do Património passará, a partir de 2015, a ser um evento ibérico, alternando com a Bienal AR&PA que decorre em Valladolid, Espanha.

Este ano a Feira aumenta a capacidade de espaço e conta com cerca de 67 expositores presentes, representando um aumento de 80% face à edição de 2014.

Consequentemente, espera-se um maior número de visitantes na edição deste ano, prevenindo-se um aumento de aproximadamente 30%.

País convidado Emirados Árabes Unidos

A Feira conta este ano pela primeira vez com a presença de um país convidado – os Emirados Árabes Unidos – resultado das diligências efectuadas com o apoio da AICEP. Os EAU estarão presentes através da representação do Instituto do Património de Sharjah que conta com uma parceria estratégica com o ICCROM, detendo responsabilidades ao nível da gestão patrimonial de todo o território do Médio Oriente. A presença dos EAU far-se-á acompanhar de uma comitiva que estará presente num stand de grandes dimen-

sões na Feira e com a possibilidade de marcação de reuniões entre os restantes expositores presentes e os representantes do Instituto. Os EAU integram, ainda, a programação cultural da Feira com a presença de actividades e demonstrações representativas da cultura e património daquele país.

o Continente/Sonae, a Edigma, a Eisa, a LG e a Visabeira.

Programa Cultural Paralelo

A Feira do Património conta com uma forte programação paralela que inclui actividades pedagógicas, concertos, actuações, workshops, ateliers, degustações e demonstrações.

A programação cultural paralela inclui uma variedade de iniciativas que têm como objectivo demonstrar como o património cultural tem um valor lúdico e pedagógico muito forte – ateliers, workshops, actuações, degustações, demonstrações de técnicas tradicionais ao vivo, apresentações, conferências, visitas à cidade de Coimbra guiadas por crianças e jovens naturais do concelho, eventos nocturnos, entre outras iniciativas. Todas estas actividades estão ancoradas no património cultural da região Centro.

Destacamos a realização, à noite, dos dias 9 e 10 de Outubro, de projecções em *video mapping* na fachada do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha a cargo da empresa OCUBO, bem como o concerto *Capella Sanctae Crucis* organizado em parceria com a Universidade de Coimbra na noite do dia 9 de Outubro.

Prémio Internacionalização do Património

Tal como aconteceu na edição de 2014, será atribuído o Prémio Internacionalização do Património a três das entidades presentes enquanto expositoras – este prémio oferece o valor de inscrição na Bienal AR&PA a decorrer em Novembro de 2016. A atribuição do Prémio é votada pelo público visitante da Feira, baseando-se no critério de interactividade dos expositores com o público, havendo por fim um escrutínio final por parte de um júri de cinco elementos que inclui representantes da Fundação Millennium bcp, do Salon du Patrimoine Culturel (França), da Direcção Geral do Património da Junta de Castela & Leão (Espanha), dos Emirados Árabes Unidos, da AICEP e da DGPC.

Os parceiros

A viabilidade da Feira do Património assenta no estabelecimento de parcerias com entidades públicas e privadas – contando com o sponsoring da Fundação Millennium bcp e do Turismo de Portugal, desde a primeira edição do evento. A Feira reúne igualmente o apoio de instituições de âmbito regional que possibilitam a itinerância da realização da Feira: este ano, com o apoio da Direcção Regional de Cultura do Centro e do Turismo do Centro, bem como da Câmara Municipal de Coimbra e da Universidade de Coimbra. Adicionalmente, o evento conta ainda com uma série de parceiros públicos e privados que apoiam diversas componentes do evento, dos quais destacamos o GECoRPA – Grémio do Património – parceiro sectorial na área da Conservação & Restauro e Reabilitação Urbana –, a Junta de Castela e Leão, a Bienal AR&PA e o Salon du Patrimoine – parceiros internacionais que possibilitam a interligação com as feiras congéneres dos países vizinhos de Espanha e França –, a UNESCO, a AICEP e a Direcção-Geral do Património Cultural – que apoiam institucionalmente o evento. Destacam-se ainda parceiros como

Seminários

O Seminário Internacional que decorre durante a Feira é subordinado ao tema da edição deste ano – Internacionalização do Património – e pretende dar conta das possibilidades para as estratégias de internacionalização de recursos endógenos e *know-how*, bem como evidenciar o potencial de internacionalização do sector do património em Portugal. Para além do Seminário Internacional, ocorre durante a Feira uma série de iniciativas dirigidas a diferentes públicos-alvo especializados: as *Heritage Talks* – com o apoio da ADDICT e do Microcrédito bcp, as HT são o palco para novos projectos e iniciativas dentro da área do património – as *Tourism Talks Pro* – um seminário de meio dia dirigido a profissionais do sector do turismo, promovido pelo Turismo de Portugal – as *Conservation & Rehabilitation Talks* – um seminário de meio dia dirigido a profissionais da conservação e restauro e da reabilitação urbana e organizado numa parceria entre o GECoRPA e a DGPC, e o *Innovation Point* – um espaço dedicado a

4 | Miúdos no Património.

5 | Expositores na Feira do Património.

6 | Prémio Internacionalização do Património.

7 | Atelier de Conservação & Restauro.

8 | Seminário Internacional.



4



5



6



7



8

apresentações técnicas por parte dos expositores presentes na Feira.

A Feira do Património é assim uma tentativa não somente de inscrever Portugal no calendário europeu das feiras sobre este recurso endógeno, mas também de contribuir para a estruturação e capacitação do sector. A Spira acredita fortemente no potencial económico deste recurso – como todos os números aliás indicam —, assim como na responsabilidade de todos os agentes, públicos e privados, de se unirem na prossecução deste propósito. ■

* Artigo redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico.



Universidade de Coimbra, Alta e Sofia

Há 725 anos a construir património

Clara Almeida Santos | Vice-reitora da Universidade de Coimbra

O termo “património” está etimologicamente ligado ao conceito de herança, transmitida por via paterna. O próprio dicionário limita este substantivo masculino à herança paterna, aos bens de família e aos bens necessários para tomar ordens eclesiásticas (cf. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).

Mas de que falamos quando falamos de património, no sentido lato em que é importante que seja compreendido, usufruído e assimilado? A grande dificuldade na definição do termo – ou melhor, na sua ilustração – é que estamos na presença de um “conceito guarda-chuva”. Se tentarmos dar exemplos apenas a partir da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia, bem patrimonial inscrito pela UNESCO na lista do Património Mundial em junho de 2013, esbarramos logo numa diversidade de aceções. Vejamos: a UNESCO reconheceu o património cultural material desta Universidade, delimitado numa zona de 34 hectares e em que se identificam 32 edifícios (ou conjuntos monumentais) que têm em comum o facto de por cada um deles ter passado um pedaço significativo da história da Universidade de Coimbra. Desde o Pátio das Escolas aos edifícios da Cidade Universitária construída durante o Estado Novo, passando pelos colégios do século XVI

e pelos edifícios da Reforma Pombalina. Mas a candidatura assentou também em pilares imateriais: a língua portuguesa, a canção de Coimbra, as tradições académicas e as Repúblicas de estudantes.

Na Declaração de Valor Universal Excepcional da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia, consta a inscrição pelos critérios II (mostrar um intercâmbio importante de valores humanos, durante um determinado tempo ou numa área cultural do mundo, no desenvolvimento da arquitetura ou tecnologia, das artes monumentais, do planeamento urbano ou do desenho de paisagem), IV (ser um exemplo de um tipo de edifício ou conjunto arquitetónico, tecnológico ou de paisagem que ilustra significativos estádios da história humana) mas também, e mais diretamente ligado à questão da intangibilidade, o critério VI – estar associado a eventos ou tradições vivas, com ideias ou crenças, com trabalhos

artísticos e literários de destacada importância universal.

Poder-se-ia também referir o património natural patente no Jardim Botânico de Coimbra que, pela sua natureza (passe o oxímoro!) a cada dia se transfigura e transmuta. Ou ainda as coleções da Universidade de Coimbra (UC), de espectro tão variado, das biológicas às antropológicas, passando pelo espólio de manuscritos musicais ou ainda o acervo que se reporta à vida académica da Universidade, com as tradições que, para o bem e para o mal, serviram de matriz inspiradora de tantas universidades no mundo.

Será também património o conjunto de eventos que tem como palco ou cenário o património classificado? Se o património é um legado, as imagens – registadas em vídeo, fotografia ou apenas mentalmente – também não são passadas para as gerações futuras,

“

**Na riqueza patrimonial
desta instituição (como
de outras, certamente),
material, imaterial e
pontual confundem-se,
interligam-se e mutuamente
se enriquecem.**

”



1



2



3

4

1 | Pátio das Escolas.
© Sérgio Brito

2 | Via Latina.
© João Armando Ribeiro

3 | Biblioteca Joanina.
© Delfim Ferreira

4 | Capela de São Miguel.
© Delfim Ferreira



em memória construída? Na riqueza patrimonial desta instituição (como de outras, certamente), material, imaterial e pontual confundem-se, interligam-se e mutuamente se enriquecem.

Onde está, então, o limite do conceito de património? Como acontece com todos os conceitos, cada época apresenta uma versão, ou várias, da sua interpretação.

A classificação da Universidade de Coimbra tem sido ocasião para refletir, de forma mais aprofundada e enquanto comunidade universitária – feita de ensino, investigação e apostada na relação forte com a comunidade – sobre este assunto e em várias matérias. Para dar apenas alguns exemplos, as comemorações dos 725 anos da Universidade de Coimbra, iniciadas em março e que terminam em dezembro deste ano, têm constituído uma oportu-

nidade para propor formas de entendimento do património nas suas múltiplas roupagens. Focando apenas na programação que ainda falta cumprir, destacaria dois eventos: a Bienal de Arte Contemporânea Ano Zero, que tem a sua primeira edição enquadrada no aniversário da Universidade. Esta iniciativa, que congrega diversas entidades e agentes da cidade e do país, tem como fundamento a inscrição na lista do Património Mundial da UNESCO. O seu objetivo é promover o encontro entre o hoje artístico e o ontem edificado – a ideia fundamental assenta na utilização de espaços patrimoniais como cenário e inspiração para obras de arte contemporânea. O outro evento que gostaria de destacar é o Congresso Internacional “Língua Portuguesa: uma língua de futuro”, a realizar entre 2 e 4 de dezembro no Convento de São Francisco, que encerra as comemorações, assumindo assim a Universidade a prioridade estratégica da nossa Língua, património comum com outros povos e mais de 250 milhões de falantes. Os pilares imateriais da candidatura da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia, mostram, pós-classificação, um dinamismo impressionante. Gostamos de olhar para a classificação como um dos motores fundamentais desse movimento.



Para terminar a referência aos 725 anos da Universidade, gostaria de deixar a nota de que estamos a construir, à medida que o ano decorre, a memória destes dias em fotografias, vídeos, gravações áudio, testemunhos, narrativas mediáticas, entre outros materiais. Esta memória em construção está já disponível em <http://uc725.uc.pt/arquivo>. Património também para quem virá depois de nós.

Esta nota de relação com os outros, motivada pela classificação da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia, pela UNESCO, não ficaria completa sem uma referência a duas redes.

Desde logo, a Rede do Património Mundial de Portugal, criada em julho de 2014, já depois de

5 | Polo I.

© João Armando Ribeiro

6 | Escadaria do Colégio de Jesus.

© Manuel Ribeiro

7 | Relógio da Torre.

© Paulo Magalhães

8 | Pátio das Escolas.

© Delfim Ferreira



7

Coimbra integrar a lista. Os quinze bens classificados em Portugal juntaram-se para prosseguir objetivos comuns, sobretudo ao nível da sensibilização para o património. O site da Rede pode ser acedido em www.rpmp.pt. Estamos a trabalhar num projeto ambicioso que queremos ver implementado nos próximos anos e que terá como fruto principal uma maior valorização, a vários níveis, destes locais únicos. A outra rede a que a Universidade pertence, pelo facto de ser Património Mundial, é o grupo de Universidades Património Mundial, constituído pelas únicas cinco universidades do mundo com esta distinção, a saber e por ordem cronológica de entrada na lista da UNESCO, a Universidade da Virgina (Estados Unidos), a Universidade de Alcalá (Espanha), a Universidade Central da Venezuela (Venezuela), a Universidade Nacional Autónoma do México (México) e Coimbra, claro. O objetivo principal desta rede é a defesa do seu património universitário universal nos seus vários aspectos – científico, cultural e artístico.

Não ficaria completa esta nota sobre o que a classificação trouxe para a Universidade e para a cidade sem uma referência às múltiplas intervenções materiais que têm vindo a acontecer. Este processo é longo e muito significativo, isto se atendermos ao que aconteceu desde que a Universidade de Coimbra está na lista tentativa da UNESCO, o passo que antecede a possibilidade de inscrição da lista do Património Mundial. Nesse período de tempo vimos acontecer: obras na Sé Velha e na Sé Nova; a requalificação do Laboratório Químico, transformado em Museu da Ciência; a intervenção de conservação e restauro da Via Latina (vencedora do Prémio Europa Nostra em 2009); a remodelação da Casa das Caldeiras; a reabilitação do Colégio da Graça na Rua da Sofia, prestes a ser restituído a funções universitárias; o restauro exemplar da Torre da Universidade, a intervenção no Pátio das Escolas (com todo o estudo arqueológico associado); o restauro das Escadas de Minerva; a renovação da fa-

chada do Colégio de Jesus, o restauro da porta da Biblioteca Joanina; a vasta intervenção no Jardim Botânico, ainda em curso, e que vai permitir uma redescoberta do espaço; a obra de conservação e restauro da Porta Férrea; a intervenção na Capela da Universidade, cobertura e caixilharias de boa parte dos edifícios do Paço Real. Terminamos este rol (que não inclui as pequenas obras ou menos significativas, que sempre vão acontecendo) simbolicamente, com o Colégio da Trindade. Esta obra assinala o fim da última ruína na Alta universitária de Coimbra – o colégio foi um entre mais de 20 construídos no século XVI com a instalação definitiva da Universidade em Coimbra. Em 2016 vai abrir portas, depois de décadas de utilizações múltiplas e posterior abandono, restituído a funções universitárias. A Universidade de Coimbra recebe, atualmente, mais de 300 mil visitantes e acolhe mais de 3 mil novos estudantes por ano. É a mais

internacional das universidades portuguesas, uma vez que tem a maior percentagem de alunos internacionais, representando mais de 90 nacionalidades.

A Universidade de Coimbra está viva e recomenda-se, orgulhosa do seu passado e com os olhos postos no futuro, consciente de que falta ainda fazer muito do que está estabelecido no plano de gestão da área classificada. Referiria apenas três projetos emblemáticos: a segunda fase do Museu da Ciência, a Biblioteca de Direito, com projeto de Álvaro Siza, e o Centro de Interpretação e Divulgação da Universidade de Coimbra. O caminho será feito, mesmo que implique repensar o que tinha sido imaginado. Afinal, como muitas vezes diz o nosso Reitor, uma instituição que resiste 725 anos só pode fazê-lo se manter permanentemente a capacidade de se reinventar. ■



8



O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

Dinamização da Cultura e resgate do Património

Regis Barbosa | Canto Redondo

Santa Clara-a-Velha emerge como um polo organizador do território, vocacionado para a dinamização cultural do concelho de Coimbra. Com a inauguração deste, ironicamente, novo equipamento, foi possível criar uma prática de valorização patrimonial, onde há um permanente diálogo com o público.

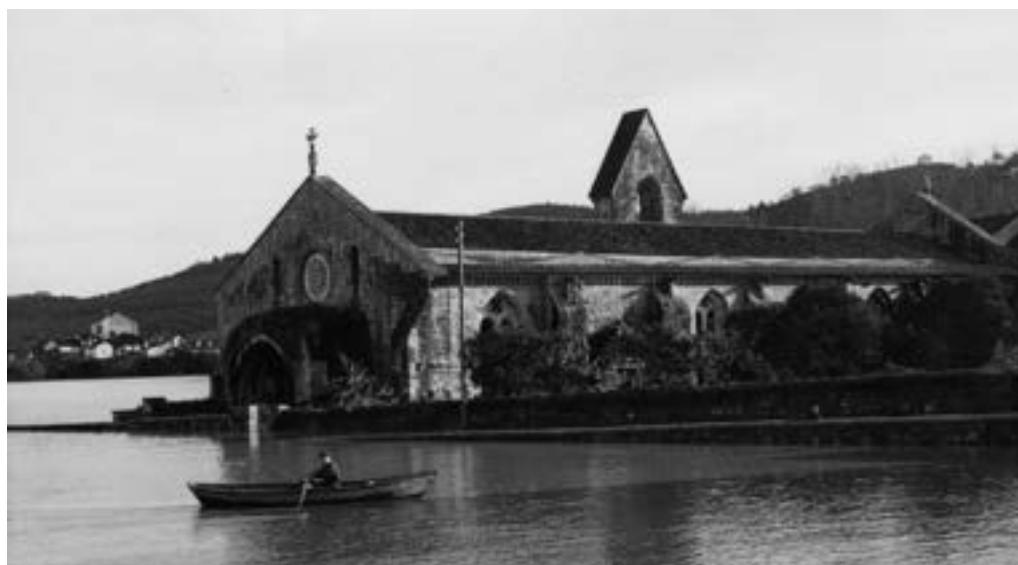
N

os dias de hoje é amplamente aceite pela sociedade a importância da conservação do ambiente. Não é possível vivermos com qualidade, ou mesmo sobrevivermos, sem contar com recursos inestimáveis como as florestas, o ar, e claro, a água. Mas, nem sempre a natureza é a mãe provedora da humanidade, por vezes o mundo natural impõe barreiras a mulheres e homens. Resta-nos tentar domesticá-la. O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha é um exemplo precioso desta luta. Ali durante séculos as irmãs clarissas pelejaram contra a água. Aparentemente em vão, no ano de 1677 retiraram-se para outra morada.

A FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO

A história do mosteiro de Santa Clara-a-Velha leva-nos ao ano de 1286 quando Dona Mor Dias, abastada nobre recolhida no Mosteiro de São João das Donas, decidiu fundar uma casa de irmãs seguidoras de Santa Clara. Entretanto, os religiosos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que tutelavam o mosteiro feminino de São João das Donas, opuseram-se a esta criação, já que perderiam parte da fortuna de Dona Mor. Assim, conseguiram extinguir o novo mosteiro em 1311.

Não obstante, a rainha Isabel de Aragão interessou-se pelo projeto, e conseguiu em 1314 a licença da Santa Sé. Com o apoio da rainha, o mosteiro progrediu rapidamente, em 1316 iniciaram-se as obras e no ano seguinte vieram as primeiras freiras, oriundas de Zamora. A devoção da rainha era tamanha que escolheu Santa Clara como sua derradeira morada.



Ainda bem antes disto, são conhecidas obras e adaptações que visavam minimizar a constante subida das águas do Mondego. No século XVI, elevou-se o nível dos pisos, tanto na igreja como no claustro. Na nave central do coro houve um alteamento de sete degraus, o que demonstra a voracidade das cheias. Nos inícios do século seguinte, o problema não só persistia como se agravava, foi necessário criar um novo piso a meia altura, para que fosse possível realizar as celebrações litúrgicas. Em suma, as freiras passaram a utilizar o piso térreo original apenas como área para enterrar os mortos. Apesar das intervenções efetuadas, e da resistência das clarissas,

ainda na década de 40 do século XVII o rei D. João IV determinou a mudança da ordem para o Monte da Esperança, o que se verificou alguns anos depois, quando os restos mortais da Rainha Santa, D. Isabel de Aragão, foram tresladados.

A partir deste ponto de viragem, emerge um cenário de decadência e degradação do outrora magnânimo monumento. Antes da saída das irmãs, cantarias, azulejos e outros materiais do mosteiro foram reaproveitados para a nova morada das clarissas ou vendidos para outras construções. Com o derradeiro abandono, Santa Clara-a-Velha ganha uma nova

funcionalidade, é arrendada a particulares que o transformaram em exploração agrícola. Na segunda metade do século XIX este uso permanecia, já que é conhecida a adaptação de partes do monumento como currais.

Mas esta mesma segunda metade do século XIX atesta um lento resgate do passado. Em 1872 o arqueólogo Filipe Simões efetuou uma “exploração arqueológica” na parcela alagada do mosteiro. Apesar do abandono havia memória e reconhecimento do valor do edificado, entretanto somente em 1910 Santa Clara-a-Velha se tornaria Monumento Nacional.

Reportagem

Lentamente, alguns avanços foram ganhando vida, em 1925 o edifício foi arrendado pelo Estado, três anos depois a DGEMN inicia o restauro da igreja, por fim nos inícios dos anos 50 surge a primeira tentativa de bombear a água. Somente em 1976 o Estado adquire o mosteiro, e em 1989 surge o projeto que, de certo modo, possibilita que a situação se altere por completo. A ideia original era manter a água no nível que se encontrava, como um verdadeiro lago no interior da igreja. Entretanto, foi determinada a realização de um acompanhamento arqueológico, que implicava a recolha de objetos e o seu registo. No decorrer dos trabalhos foram sendo detetados elementos arquitetónicos do claustro.

A metodologia inicialmente usada, a escavação em ambiente aquático com a utilização de mergulho autónomo e do *air-lift*, uma espécie de aspirador, careceu de bons resultados. Não só havia descontextualização de informação como era frequente a destruição de vestígios, além disto o *air-lift* não raro entupia. Assim, adotou-se um novo método, através de um sistema de bombas a água era retirada, deixando a superfície do claustro e da igreja o mais seca possível. A partir daí foram revelados vestígios arquitetónicos de suma importância, além de artefactos e ecofactos arqueológicos que proporcionavam um conhecimento importante sobre as clarissas que habitaram o mosteiro.

Em 1998 o então Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) decidiu manter as estruturas a seco. A solução encontrada foi a construção de uma espécie de barreira, que impossibilitava a passagem da água para a área que seria reabilitada. A escavação arqueológica continuou, tendo sido revelados conjuntos muito importantes de cerâmica, azulejaria, enterramentos humanos, moedas e restos alimentares tanto de origem animal como vegetal. Conforme podemos facilmente depreender foi necessária uma equipe pluridisciplinar para resgatar, catalogar e estudar todos estes vestígios.

Além disto, foi prevista a construção de um edifício que congregaria não só os vestígios encontrados como também o espaço expositivo. Aqui procurou-se um diálogo entre o antigo e o contemporâneo. Aliás, a intervenção foi para além do próprio mosteiro, já que a sua envolvente foi também trabalhada. Santa Clara-a-Velha emerge como um polo organizador do território, vocacionado para a dinamização cultural do concelho de Coimbra.

Com a inauguração deste, ironicamente, novo equipamento, foi possível criar uma prática de valorização patrimonial, onde há um permanente diálogo com o público. Longe de cingir-se a apenas um museu sobre as clarissas, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha proporciona a interação com diferentes for-

mas de expressão artística como a música, o cinema, o teatro e as artes plásticas.

Igualmente, os serviços educativos procuram potencializar os dados revelados pela arqueologia e pela história através de atividades que recriam dinâmicas a partir do património, são exemplo o projeto "Horta monástica". Entre a prática antiga e a agricultura biológica" e o projeto "As Clarissinhas de Coimbra", que revive a doçaria conventual.

Todo este trabalho foi amplamente recompensado através de um grande número de visitantes, à volta de 120 mil pessoas nos dois primeiros anos de atividade, e com o reconhecimento internacional consubstanciados através de prémios como o Europa Nostra 2010, no âmbito da conservação, e a nomeação para melhor museu europeu no *European Museum Forum*. O abandono e o esquecimento são águas passadas. ■

BIBLIOGRAFIA

- Côrte-Real, A., Gambini, L. I., Trindade, S. D. (2009), *Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. O convento à ruína, da ruína à contemporaneidade*. Coimbra: Direcção Regional de Cultura do Centro, 2.ª Edição.
Côrte-Real, A. (2012), "Mosteiro de Santa Clara-a-Velha – Da luz dos archotes aos momentos da contemporaneidade – projeto e fruição" in *Velhos e Novos Mundos – Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa: CHAM – FCSH / Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores.



MONUMENTA

CONSERVATION AND RESTORATION WORK OF THE S. FRANCISCO CHURCH, ÉVORA

Monumenta is a private company established in 1997 with the objective of carrying out interventions in the field of architectural heritage and ancient buildings. Interventions of this nature are highly specific and are often more complex than current construction (mostly based on the use of concrete and steel) in terms of both design and execution.

Benefiting from its team's skills and accumulated experience, Monumenta is qualified to put in practice various minimally intrusive conservation and rehabilitation techniques.

Monumenta is responsible for the conservation and restoration works on the S. Francisco Church, in Évora. The intervention includes the stone surfaces, sculpture, mural and easel painting, and comprises the emblematic Chapel of Bones.

The intervention is an initiative of the Church of S. Francisco Parish fabric committee and was entrusted to a partnership between Stap and Monumenta, the two companies that constitute the Stap Group.

Photos:

- 1 - Repair of damaged rendering.
- 2 - Restoring stained glass.
- 3 - Laying handcrafted tiles.



1



2



3

Acitores-Samthiago, cooperação empresarial transfronteiriça

A conservação e restauro de órgãos de tubos no panorama ibérico

Carlos José Abreu da Silva Costa | Conservador-restaurador, Atelier Samthiago – conservação e restauro | ccosta@samthiago.com
Federico Acitores Cabezudo | Mestre Organeiro, Taller de Organería Acitores S.L. | orgacitores@orgacitores.com

A cooperação empresarial assume cada vez mais um forte papel no desenvolvimento e crescimento das empresas, sobretudo no âmbito das pequenas e médias empresas e num quadro de internacionalização onde, trabalhando em rede e em associação, mais facilmente atingirão fins que, de outro modo, dificilmente seriam tangíveis. É neste quadro de cooperação que se inserem os mais recentes protocolos celebrados entre as empresas Orgacitores S.L. (empresa de organaria de Espanha) e o Atelier Samthiago (empresa de conservação e restauro de Portugal).



2 3

A Estratégia de Internacionalização

Academicamente, há três grandes opções para abordar um processo de internacionalização: a abertura de subsidiárias no país de destino, a atuação isolada a partir do país de origem ou a cooperação entre empresas dos dois países. No quadro desta última opção, a cooperação empresarial ACITORES-SAMTHIAGO, apresenta-se no mercado ibérico sob a forma de consórcio e também em modo de subcontratação alternada, sistemas simples e inicialmente desenvolvidos durante o século XX pelas grandes empresas japonesas de referência, como a Mitsubishi ou a Sumitomo.

A cooperação ACITORES-SAMTHIAGO tem ocorrido regularmente no mercado ibérico desde 2009 e é um exemplo claramente bem-sucedido que permite a cada uma das empresas a operacionalidade internacional nas suas grandes áreas de trabalho: no caso da Acitores, a organaria em Portugal e, no caso da Samthiago, a conservação e restauro em Espanha.

Casos de Estudo – Espanha

Um dos primeiros exemplos da cooperação ACITORES-SAMTHIAGO materializou-se num projeto de recuperação de um órgão de tubos existente na Comunidade de Madrid, mais concretamente na Igreja de San Martín de Valdeiglesias. A construção desta igreja ascende a 1622, sendo que, por razões económicas, nunca viria a ser concluída, tendo sido construída apenas uma terça parte do projeto inicial. O seu órgão de tubos, sob o coro-alto da igreja, data do século XIX e a sua recuperação permitiu dotar a cidade e o espaço religioso de uma nova potencialidade cultural e religiosa (**figura 1**).

Na construção de novos instrumentos da Oficina de Organaria Acitores, a participação do Atelier Samthiago centra-se na execução de elementos decorativos, policromias e dourados, das caixas dos órgãos novos, como é o caso do instrumento realizado para a Catedral de Tudela (Navarra) e o projeto dum órgão novo para La Rioja.

Recentemente adjudicada pela Deputación Provincial de Valladolid, a intervenção de recuperação do órgão de tubos da Ermida de Nuestra Señora de Tiedra permitirá devolver ao templo o som do seu órgão de tubos e a beleza da sua caixa. Trata-se de um órgão barroco tardío, de caixa neoclássica, construído inicialmente para outra igreja e que possivelmente foi integrado na ermida, apenas em 1838; a sua construção está atribuída à escola do organero Esteban de San Juan (**figura 2**).

Casos de Estudo – Portugal

Três grandes projetos marcaram as intervenções da ACITORES-SAMTHIAGO em Portugal, todos em monumentos classificados como Monumento Nacional, e que integram importantes registos no âmbito da organaria. O projeto da Igreja dos Clérigos, iniciado em 2013 e adjudicado pela Irmandade dos Clérigos, permitiu a devolução, ao monumento e à cidade, de um dos mais importantes conjuntos do organero espanhol Dom Sebastião de Acunha. Datam de 1775 e, desde a sua recuperação, oferecem concertos diários aos visitantes (**figura 3**).

Mais recentemente foi efetuada a recuperação do órgão de tubos do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, em Felgueiras. Esta intervenção realizou-se no âmbito do projeto turístico-cultural Rota do Românico, gerido pela VALSOUSA – Associação de Municípios do Vale do Sousa, que, entre outros objetivos,

1 | Igreja de San Martín de Valdeiglesias, Madrid.

2 | Ermida de Nuestra Señora de Tiedra, Valladolid.

3 | Igreja dos Clérigos, Porto.

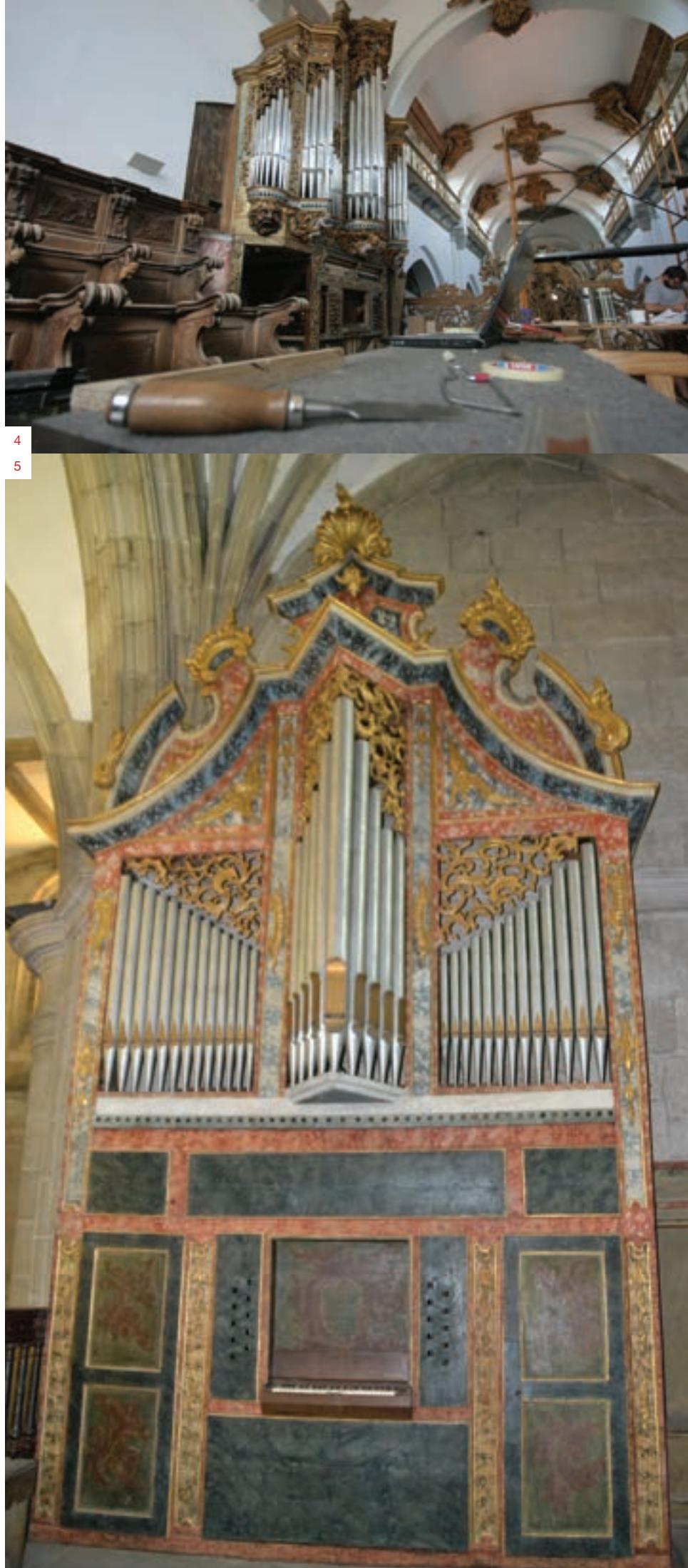
Boas práticas

4 | Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, Felgueiras.

5 | Igreja Matriz de Torre de Moncorvo.

visa conservar e salvaguardar o património edificado, incluindo o património móvel e intangível que lhe está intrinsecamente ligado, bem como a valorização das envolventes dos 58 monumentos que integram a sua rede patrimonial. O instrumento, datado de 1766, encontrava-se inativo há mais de 200 anos e apresentava-se em muito mau estado de conservação; obra de D. Francisco António Solha (1758-1785), organeiro galego a viver em Portugal, vai permitir à cidade de Felgueiras a criação de mais um polo de programação cultural e à paróquia de Pombeiro de Ribavizela a disponibilização de um importante meio de celebração (**figura 4**).

Com conclusão prevista para finais de 2015, estão em curso os trabalhos de conservação e restauro do órgão de tubos da Igreja Matriz de Torre de Moncorvo, promovida pela Direção Regional de Cultura do Norte. Este órgão data de finais do século XVIII. Foi construído no ano de 1778 pelo organeiro José António de Souza, na cidade de Braga, e é tido como uma peça soberba de arte sacra. A recuperação deste instrumento permitirá dotar de uma nova capacidade litúrgica o templo cristão que se apresenta como sendo a maior igreja da região de Trás-os-Montes (**figura 5**). ■



**Leia a versão espanhola
deste artigo em
www.gecorpa.pt.**

Levantamento das características construtivas e análise da vulnerabilidade sísmica de edifícios tradicionais butaneses

T. Ilharco, A. A. Costa, J. M. Guedes, B. Quelhas, V. Lopes | NCREP – Consultoria em Reabilitação de Edificado e Património, Lda.
J. L. Vasconcelos | Atelier in.vitro

O NCREP foi responsável pelo levantamento das características construtivas e por uma análise sumária da vulnerabilidade sísmica de edifícios tradicionais butaneses (TBB). Este trabalho integrou-se no projecto “Bhutan: Improving Resilience to Seismic Risk” (Butão: Melhoramento da Resiliência ao Risco Sísmico), em particular na sua parte C: “Improving Seismic Resilience of TBB” (Melhoramento da Resiliência Sísmica de TBB), promovido pela Divisão para a Conservação de Sítios Patrimoniais do Departamento da Cultura do Ministério dos Assuntos Culturais do Butão. O trabalho desenvolvido pelo NCREP envolveu o estudo de 18 edifícios de construção em terra, os mais antigos com cerca de 200 anos, das aldeias de Pathari, Kabesa e Tana, Zome, ambas no distrito de Punakha (figura 1).

E

ste artigo apresenta algumas das acções realizadas no âmbito do trabalho (Ilharco et al, 2015), nomeadamente a caracterização dos principais aspectos construtivos destes valiosos exemplos da arquitectura vernacular butanesa, tendo como objectivo a melhor compreensão do seu comportamento estrutural de forma a promover a melhoria da sua resiliência ao risco sísmico.

Os Edifícios

A maioria dos TBB apresenta dois pisos e um sótão acessível. As áreas por piso variam entre 50 e 180 m², sendo a altura média entre pisos de 2,75 m. Os edifícios são essencialmente constituídos por paredes de taipa e pavimentos e cobertura de madeira. A espessura das paredes exteriores varia entre 58 e 77 cm. Em alguns casos, existem paredes interiores transversais em taipa no piso inferior, embora com ligações fracas às fachadas. Quase todas as paredes apresentam um embasamento de alvenaria de pedra ao nível do solo. No interior e nas fachadas principais dos primeiros andares existem algumas paredes em estrutura de madeira (Ecra) (figura 2).

Os pavimentos e as coberturas são constituídos por vigas de secção transversal variável entre 8x10 cm² e 16x22 cm². Em edifícios mais antigos aparecem vigas de secção circular com diâmetros até 18 cm. As vigas, que suportam as tábuas dos pavimentos e uma camada de barro e palha, encontram-se espaçadas entre 30 e 100 cm (figura 3). As coberturas são geralmente de duas águas cons-

Boas práticas

- 1 | Edifício tradicional butanês (TBB).
- 2 | Parede interior de madeira (ecra).
- 3 | Secção transversal tipo de um pavimento de madeira.
- 4 | Curvas de vulnerabilidade para os TBB analisados em Pathari, Kabesa.
- 5 | Distribuição média de PRCs ao longo da altura dos TBB analisados em Pathari, Kabesa.

tituídas por quatro a seis asnas principais de madeira que suportam as madres, também de madeira. Por vezes apresentam uma pequena cobertura de duas águas elevada em relação à cobertura principal (*Jamtho*). A maioria das telhas de madeira tradicionais foi substituída por chapas onduladas de aço galvanizado.

Aspectos Sísmicos

Na superfície das paredes de taipa não foi observado qualquer detalhe construtivo ou de reforço que pudesse ser associado especificamente à melhoria do comportamento dos edifícios sob acções sísmicas. Como a maioria das paredes se encontrava intacta, não foi possível observar a eventual existência de qualquer detalhe deste tipo no seu interior. Apenas em alguns casos foram observados pedaços de madeira e pedras achatadas na ligação entre os alçados, em ambas as faces das paredes, num comprimento de cerca de 50 a 60 cm, funcionando, aparentemente, como medidas de melhoria do comportamento estrutural das paredes.

Os edifícios apresentavam em geral um estado razoável de conservação, embora com alguns danos estruturais que, associados a algumas configurações construtivas menos adequadas ao comportamento sísmico (por exemplo a existência de aberturas perto das extremidades das paredes e de elementos de parede em consola nos pisos superiores) constituem debilidades no caso da ocorrência deste tipo de acções.

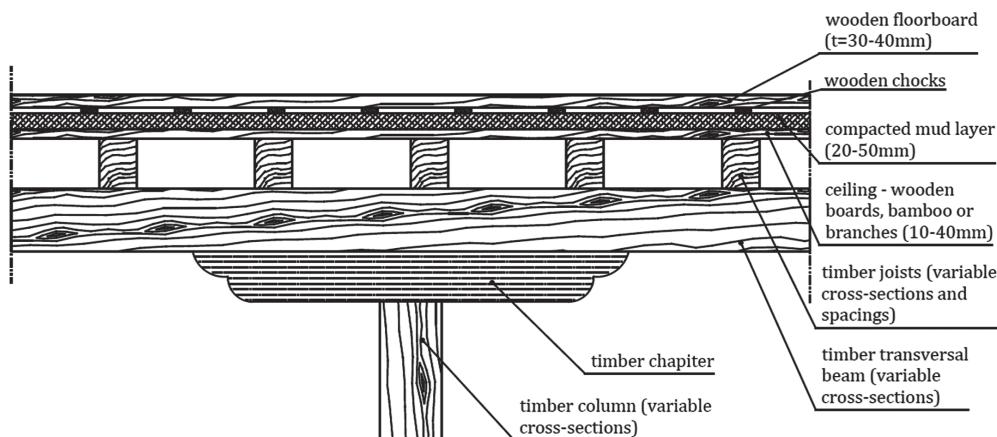
Análise de Vulnerabilidade

Uma análise sumária da vulnerabilidade permitiu estimar o nível de dano em diferentes edifícios para diferentes níveis hipotéticos de intensidade sísmica. Esta análise foi efectuada através do método macrossísmico e re-



correndo à proposta de Giovanazzi & Lagomarsino (2004), apesar da falta de informação sobre a aplicabilidade deste método para construções com paredes de taipa. O método envolve a análise, com algum detalhe, das características de cada edifício, como por exemplo a regularidade em planta e altura, a presença de paredes com capacidade resistente aos esforços de corte no seu plano (PRC) em ambas as direções e a continuidade em altura destas paredes. A título de exemplo apresentam-se, na figura 4, as curvas de vulnerabilidade obtidas para cada edifício analisado da aldeia de Pathari, Kabesa (intensidade de dano numa escala de 1 a 5 em função da intensidade sísmica na Escala Macrossísmica Europeia revista em 1998, EMS-98 (Grünthal *et al.*, 1998)). Assinala-se que os índices de vulnerabilidade encontrados com este método são idênticos aos valores propostos para construções de adobe no Irão (Omidiar *et al.*, 2012).

Paralelamente, foi calculada a percentagem de PRC por área útil de superfície de implantação dos edifícios. Dado que as construções analisadas não possuem diafragmas rígidos ao nível dos pavimentos, apenas foi considerada a contribuição das paredes de taipa/adobe. Ao nível da cobertura foram consideradas apenas paredes ou troços de parede com dimensão significativa e importância para o comportamento dos edifícios. A Figura 5 mostra que em ambas as direções principais dos edifícios esta percentagem diminui ao longo da altura, resultado da existência de paredes de madeira nas fachadas principais nos pisos superiores, situação que pode não ser benéfica para a resistência sísmica dos edifícios. Note-se que o dano expectável pode ser consideravelmente mitigado se algumas soluções forem implementadas, nomeadamente se foram melhoradas as ligações entre paredes internas e externas e entre elementos estruturais verticais e horizontais. Para além



3

disso, foi ainda analisado o impacto de algumas configurações construtivas particulares, concluindo-se poderem ser fonte de activação de mecanismos de colapso locais, mesmo para a ocorrência de acções sísmicas moderadas (por exemplo, colapso de cunhais ou derrube de elementos da cobertura).

Os resultados obtidos com estas análises são fundamentais para propor soluções que melhorem as características anti-sísmicas dos TBB. No entanto, estes estudos não invalidam a necessidade de se efectuar uma análise mais profunda da vulnerabilidade dos TBB de forma a alcançar-se um melhor conhecimento do seu comportamento sísmico e poder definir-se as soluções de reforço mais adequadas. Em particular, a calibração das curvas de vulnerabilidade deste tipo de construção permitirá aplicar estas análises a TBB localizados noutras áreas de risco sísmico e calibradas para a realidade Butanesa. Finalmente, refere-se que levantamentos pós-sismo de edifícios de construção em terra danificados pelos sismos recentes no Butão podem e devem ser utilizados para calibrar toda a informação recolhida, já que permitem uma melhor compreensão do seu comportamento sísmico. ■

* Artigo redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

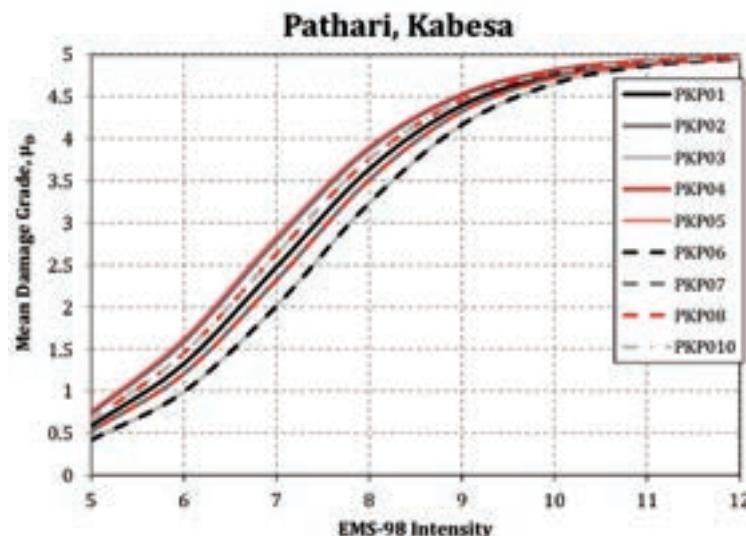
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ilharco, T., Vasconcelos, J.L., Costa, A.A. (2015) – Study of Typology of Bhutanese Rammed Earth Buildings. Pathari, Kabesa and Tana, Zome. Division for the Conservation of Heritage Sites of the Department of Culture – Ministry of Home and Cultural Affairs of Bhutan.

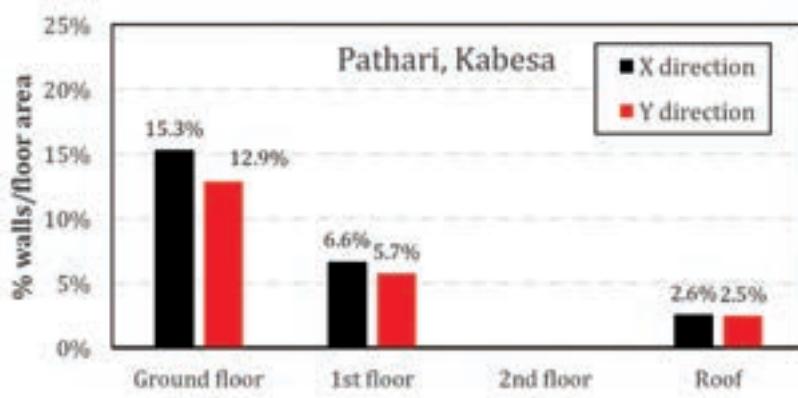
Giovanazzi, S., & Lagomarsino, S. (2004) – A macroseismic method for the vulnerability assessment of buildings. 13th World conference on Earthquake Engineering, (paper 896). Vancouver, Canada.

Grünthal, G., Musson, R. M., Schwarz, J., & Sticchi, M. (1998) – European Macroseismic Scale 1998, EMS-98. Luxembourg: Centre Européen de Géodynamique et de Séismologie.

Omیدوار, B., Gatmin, B., & Derakshan, S. (2012) – Experimental vulnerability curves for the residential buildings of Iran. Journal of Natural Hazards, 60(2), p. 345-365.



4



5

O Património como vetor de desenvolvimento

Entrevista a Juan Carlos Prieto

Entrevista | Inês Costa, Spira – revitalização patrimonial, Lda.

Textos e tradução | Regis Barbosa, Canto Redondo

Constituída em 1994 como fundação privada sem fins lucrativos, a Fundação Santa María la Real del Património Histórico desenvolve um trabalho pioneiro de salvaguarda e valorização do Património em todo o território espanhol. Atua em diversos campos, como a reabilitação e a conservação, sem descurar a comunicação e a educação patrimonial. O seu foco é a criação de estratégias de desenvolvimento do território através do Património Cultural, com destaque para os diferentes projetos que foram desenvolvidos em torno do Património Românico. Atualmente, a fundação é responsável pela direção técnica do Plano de Intervenção do Românico Atlântico, patrocinado pelo Estado português, pela Junta de Castela e Leão, e pela Fundação Iberdrola. Neste número da Pedra & Cal, entrevistámos o arquiteto e diretor geral da fundação, Juan Carlos Prieto.

P&C – Qual é, para si, o valor da dimensão humana do património cultural?

Juan Carlos Prieto — Total. Não se entende o património sem as pessoas, ao menos é o que acreditamos na Fundação Santa María la Real. O património, a paisagem e as pessoas são os três pilares em que se assentam todos e cada um dos nossos projetos. É impossível investigar, restaurar ou conservar um edifício ou bem histórico sem ter em conta o fator humano. Foram os nossos antepassados que construíram e deram forma ao património que chegou aos nossos dias, nós devemos

“

Estamos convencidos de que o património pode ser um recurso gerador de desenvolvimento para o território.

”

preservá-lo para as gerações futuras, e isso só se consegue com o entendimento, a compreensão e a ação da sociedade.

P&C – Em que princípios se baseia o modelo de gestão da FSMLRPH?

Juan Carlos Prieto — Como comentava anteriormente, os três pilares básicos de nosso trabalho são o património, a paisagem e as pessoas. O que isto supõe? Que estamos convencidos de que o património pode ser um recurso gerador de desenvolvimento para o



“

Os três pilares básicos do nosso trabalho são o património, a paisagem e as pessoas.

”

território, e nós somos, possivelmente, o melhor exemplo disso. Temos mais de 140 pessoas a trabalhar em projetos vinculados ao património por todo o território nacional. Como conseguimos? Através do compromisso com o território, com o património, com a inovação, com o talento, com as pessoas, com a qualidade, e sobretudo sendo conscientes de que nosso trabalho tem que ser rentável social e economicamente. Ser uma instituição sem fins lucrativos não está em desacordo com a rentabilidade e a sustentabilidade económica.

P&C – Em que consiste o projeto MHS?

Juan Carlos Prieto – É o futuro, ou melhor, o presente do património. Edifícios históricos inteligentes e eficientes. Vivemos na era das cidades, dos edifícios “smart” e o património não pode, nem deve ficar atrás. Por isto, desde há dez anos, temos trabalhado na fundação com o desenvolvimento de um sistema que

permita garantir a conservação preventiva e a gestão inteligente do nosso património. O funcionamento é aparentemente simples, colocamos uma série de pequenos sensores sem fio em pontos concretos dos edifícios ou bens patrimoniais. A função destes dispositivos é controlar o pulso, a pulsação do espaço e informarmos imediatamente se há qualquer anomalia, para que possamos corrigi-la no momento. Não só conseguimos que o sistema funcione com êxito em meia centena de edifícios históricos, como conseguimos somar no nosso projeto uma empresa líder no setor das comunicações, a Telefónica.

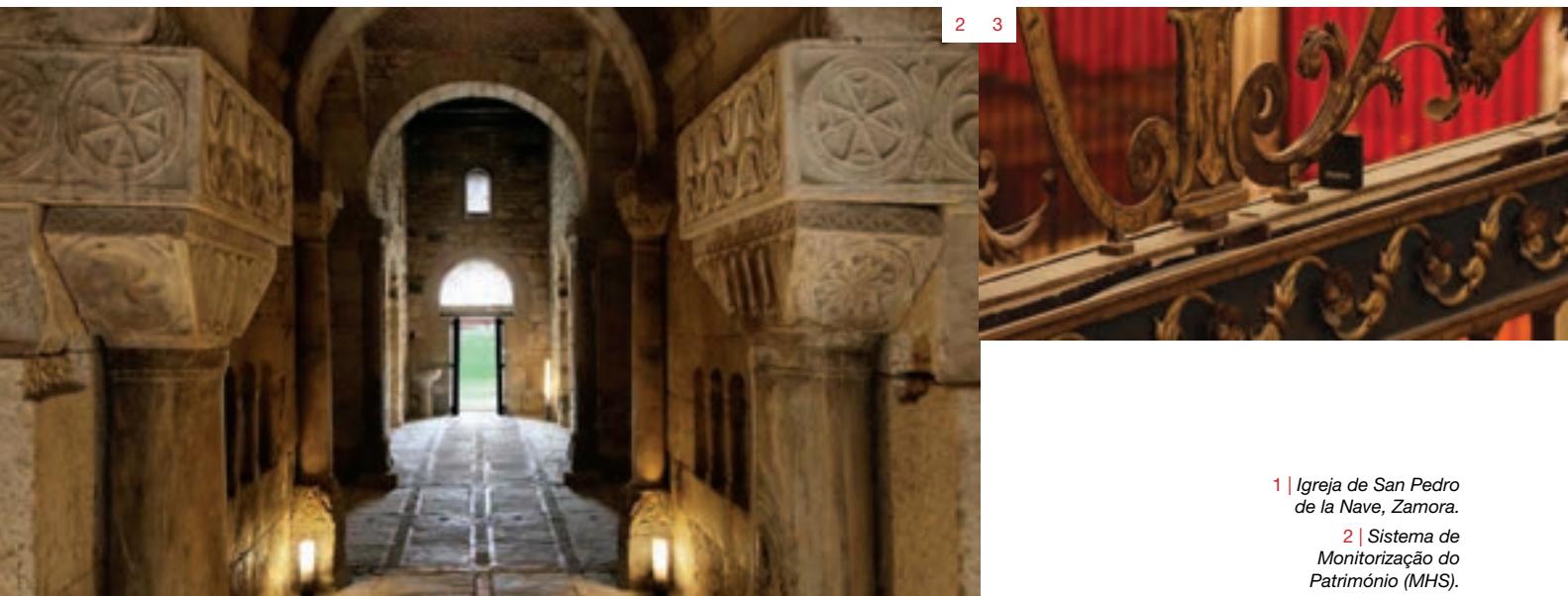
P&C – Qual é para a Fundação o papel da educação patrimonial?

Juan Carlos Prieto – O papel da educação, da sensibilização social é fundamental, já dizímos ao início que não podemos entender o património sem as pessoas e que depende delas a sua conservação e salvaguarda. Por isso, na

Fundação apostamos desde o início na socialização em diferentes níveis, através de cursos, jornadas e oficinas; mediante a comunicação em canais especializados, com iniciativas pontuais em escolas ou centros educativos, mediante a edição de livros ou a filmagem de séries de televisão... As formas para chegar à sociedade são múltiplas e é necessário explorá-las todas ou, ao menos, tentar.

P&C – Qual a ligação da FSMLRPH com o domínio das políticas públicas para o setor do património cultural em Espanha?

Juan Carlos Prieto – Em muitas ocasiões, promovemos a intermediação, isto é, tratamos de favorecer o contacto entre a administração pública e o setor privado para que todos trabalhem unidos em prol da valorização do património. Cada vez é mais evidente que os recursos públicos não são suficientes para garantir a manutenção e a sustentabilidade do nosso património cultural.



1 | Igreja de San Pedro de la Nave, Zamora.

2 | Sistema de Monitorização do Património (MHS).

“

Vivemos na era das cidades, dos edifícios “smart” e o património não pode, nem deve ficar atrás.

”

Daí a necessidade de envolver a sociedade e o setor privado. O património é um assunto de todos e nosso trabalho é proporcionar que a mensagem chegue a todos os âmbitos, sejam públicos ou privados.

P&C – Que projetos com Portugal desenvolve a FSMLRPH?

Juan Carlos Prieto – É certo que, nos últimos anos, nossa vinculação com Portugal foi aumentando, pouco a pouco. Começamos com a extensão da Enciclopédia do Românico em Espanha a toda a Península Ibérica, incluindo Portugal nas nossas investigações e estudos. Pouco depois, surgiu o Plano Românico Atlântico, um projeto de colaboração transfronteiriça,

no qual estão envolvidas a Secretaria de Estado da Cultura de Portugal, a Junta de Castela e Leão, e a Fundação Iberdrola, que proporcionam a atuação em cerca de vinte templos românicos de Zamora, Salamanca e áreas fronteiriças portuguesas. O nosso primeiro itinerário cultural percorreu terras lusas, e com o projeto europeu SHbuildings monitorizámos a igreja de São Pedro em Roriz... Nos últimos anos, temos participado no arranque do projeto Duero-Douro, que procura tecer uma rede colaborativa em torno do rio, promovida pelo Cluster de Empresas de Eficiência Energética, Construção Sustentável e Habitat (AEICE), e pela Associação de Entidades do Património Cultural (AEPC). Enfim, estas são apenas algumas das muitas iniciativas que estamos a desenvolver em Portugal, onde a cada dia temos mais contactos e onde queremos fazer chegar também um dos nossos programas sociais mais inovadores, as Lançadoras de Emprego e Empreendimento Solidário.

P&C – Como vê o estado do setor do património cultural em Portugal?

Juan Carlos Prieto – A situação do património cultural em Portugal não difere muito da situação em Espanha e em outros países europeus. É evidente que houve um corte nas ajudas públicas, que os Estados não podem por si só manter o património. O desafio tanto em Portugal quanto em Espanha, e em muitos outros países europeus, é conseguir uma maior

“

O desafio, tanto em Portugal quanto em Espanha, é conseguir uma maior participação social.

”

participação social. É certo que países como Itália, Reino Unido e França levam uma clara vantagem na promoção da iniciativa privada e no fomento do mecenato. Legalmente, aprovaram uma série de vantagens fiscais, tanto para particulares como para empresas, que investem em património, estas leis estão a anos-luz das nossas. Mas, estamos no caminho e devemos estar conscientes de que não podemos encher balões fora, o caminho virá de dentro do próprio setor, devemos ser nós a lutar, porque ao fim e ao cabo, somos líderes e donos do nosso futuro. A pedra está no nosso telhado. ■

Leia a versão espanhola deste artigo em www.gecorpa.pt.

S&P ARMO -System



Reparação e reforço de estruturas em betão e alvenarias.
Aplicações especiais em arcos e abóbadas, paredes de alvenaria.
Reforço sísmico e aumento da capacidade de carga.

ARMO Mesh®

Malha de reforço em fibra de carbono com sílica amorfa

ARMO Crete®

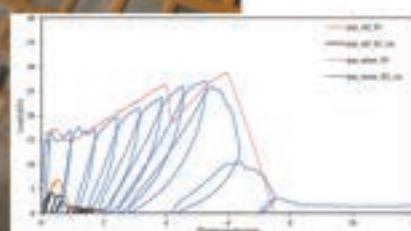
Argamassa de projecção reactiva

ARMO Mur®

Argamassa de reboco à base de cal hidráulica



Reforço estrutural em edifícios históricos, reforço com malhas de fibra de carbono e argamassas de cal.



Ensaios de carga e desempenho de alvenarias reforçadas com S&P Armo System, no aumento da capacidade estrutural.



Spira

A aproximar pessoas do património desde 1998

Catarina Valença Gonçalves | Spira - revitalização patrimonial, Lda.

A Spira surge em 1998, não no formato de empresa, mas antes no formato da primeira rota de turismo-cultural do país – a Rota do Fresco. Centrada num território classificado de “deprimido”, a criação e montagem da Rota do Fresco obrigou a trabalhar com recursos considerados de segunda linha ou de “petit patrimoine”, elegendo um tema federador, valorizando-se outras estupendas características do território em causa como as acessibilidades, a paisagem, as pessoas, a gastronomia, os hábitos culturais, a forma de vida.



Agregaram-se, assim, cinco municípios contíguos, correspondente a uma área de 1 749 km² e perfazendo um total de menos de 27 000 habitantes. Com cerca de 25 ermidas, capelas, igrejas e santuários associados, todos com exemplares de pintura mural cobrindo mais de 500 anos de história da arte nacional e regional, desenhou-se uma estratégia a médio prazo e montou-se um projecto integrado de revitalização patrimonial.

Em 2009, a Rota do Fresco passou a ser gerida pela Spira – dois anos depois da fundação da empresa –, e ganhou nove novos municípios desde então, somando 14 municípios actualmente e reunindo mais de 60 monumentos nos seus itinerários.

Desde 1998 – ano da criação da Rota do Fresco – até 2007 – ano da criação da Spira, trabalhou-se essencialmente neste território periférico, não turístico, com património não reconhecido como tal e com comunidades aparentemente sem interesse por essas matérias. Hoje, em 2015, a Spira explora uma área de negócio de *Touring Cultural e Paisagístico* constituído por quatro rotas temáticas – a Rota do Montado (património natural), a Rota Tons de Mármore (património industrial), a Rota Pica-Chouriços (património imaterial) –, os Ateliers Mãos-na-Massa e a marca *umbrela Compadres*. Os próprios Compadres permitem a qualquer visitante ou turista escolher o que pretende visitar, construir o seu itinerário e indo mais além do que o mero *roadbook*, sendo recebido, em cada monumento, por um guardião ou parceiro da rede.



Em 2010, a Spira criou uma oferta de campos de férias património e programas temáticos para escolas que operou com o nome Campo Património. Em 2011, abriu um pequeno escritório na capital onde se preparou o relançamento da revista online patrimonio.pt – criada em 2003. Em Março de 2013, a Spira abriu aquilo que se pode considerar um “equipamento cultural singular”: o MAPA – espaço criativo, uma loja de 1 000m² cheia de luz natural num dos centros comerciais mais bem classificados, mais centrais e mais antigos da capital, com uma operação 363 dias por ano dedicada a estimular a criatividade e o interesse dos miúdos pelo património cultural.

Setembro de 2015 marca a mudança para um novo espaço na capital, uma antiga padaria que passará a ostentar o nome da área de Educação Patrimonial da empresa – a saber, Mundo Património – e neste espaço específico – LAB.

2013 foi também o ano da primeira Feira do Património de Portugal que vai, actualmente, na sua 3.^a edição. De facto, desde que a Spira chegou à capital, adensou a área de Educação Patrimonial e inaugurou de uma forma particularmente forte a área de negócio de Comunicação Patrimonial.

Paralelamente a estes negócios próprios, a Spira leva a cabo ainda vários projectos para entidades públicas e privadas em qualquer uma das três vertentes nas quais detém operação: Projecto de Revitalização dos Recursos Ferroviários do Alentejo para a REFER PATRIMÓNIO; Rota Tons de Mármore para a Turismo

do Alentejo; Rota dos Moinhos de Albergaria-a-Velha são alguns dos projectos ambiciosos desenvolvidos com o apoio de consultoria da Spira. Actualmente, a Spira está envolvida nos projectos de criação de Rotas de Turismo Cultural e Paisagístico na Região Autónoma dos Açores, assim como na criação de uma oferta integrada de Turismo Militar na Região Centro de Portugal, entre outros projectos.

A Spira emprega actualmente 10 colaboradores entre a sede no Alentejo e o escritório de Lisboa, engrossando a equipa sempre que necessário de forma mais ou menos pontual, dependendo da natureza dos projectos.

Os grandes desafios que se colocam à empresa – cada vez mais reconhecida como a empresa pioneira na concepção, produção e gestão de projectos assentes em recursos patrimoniais em Portugal – são vários. Por um lado, reforçar a qualidade, a densidade, a inovação e a notoriedade dos produtos que explora na área de *Touring*: existem de facto muitas oportunidades de novos produtos assentes em recursos patrimoniais como aqueles que a Spira explora na região do Alentejo – exportáveis para outras regiões sem tráfego turístico garantido mas com recursos patrimoniais relevantes –, mas também existem linhas de actuação de sensibilização patrimonial que a Spira se sente agora com mais capacidade para explorar.

Já no campo da Educação Patrimonial, para além da continuidade das operações já em curso, a Spira trabalha neste momento para que 2016 seja o ano da grande celebração do

património junto das crianças e das famílias, num evento de partilha, descoberta, conhecimento e diversão.

Finalmente, a Spira quer inaugurar uma dimensão internacional com a criação de uma Spira espanhola que permita empreender projectos similares aos desenvolvidos em Portugal, assim como outros de novo âmbito com parceiros e recursos espanhóis.

Mais património, mais pessoas no património, é somente esse o foco, o gozo, o “drive” da Spira - revitalização patrimonial. ■

* Artigo redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

Prioridade à qualificação dos recursos humanos – incluindo os da construção!

Vítor Córias | Presidente do GECoRPA – Grémio do Património

O GECoRPA saúda as recentes alterações na legislação que regula o acesso ao exercício de profissões e da que estabelece o regime jurídico aplicável aos empreiteiros, mas alerta para a necessidade das profissões da construção passarem a ser objeto de certificados que atestem a posse das necessárias competências.

Há muito que se reconhece que a baixa qualificação dos recursos humanos é, em Portugal, um dos principais obstáculos ao crescimento da economia. Com RH pouco qualificados, as empresas dos diversos setores não conseguem produzir bens e serviços competitivos e de elevado valor acrescentado, limitando a sua capacidade de criar riqueza. O Acordo de Parceria Portugal 2020 vem, mais uma vez, pôr a nu essa persistente limitação: as fragilidades da qualificação profissional são explicitamente apontadas como constrangimentos à implementação.

No domínio da atividade empresarial, os números do INE mostram que os três setores com maior produtividade, em euros de VAB por empregado, utilizam apenas 1,5% do total dos RH, enquanto os três setores que proporcionam mais emprego apresentam produtividades inferiores à média. A construção, com uma produtividade de cerca de três quartos da média, é um destes setores. A necessidade de promover a qualificação dos RH da construção vem sendo focada há longos anos, infelizmente sem resultados práticos. Num estudo setorial promovido em 1998 pelo IAPMEI, di-

zia-se: “a generalidade dos trabalhadores da construção é actualmente “menos sabedora do seu ofício”, tem menos qualificações profissionais que há trinta anos atrás... a valorização dos recursos humanos constitui uma das principais necessidades à modernização do Sector.” Este alerta foi ignorado, apesar de estar em vigor um regime de certificação profissional. Ao contrário, a legislação regulatória do setor foi sendo, por pressão das corporações de empreiteiros, objeto de sucessivas “medidas de simplificação”, que foram desligando a avaliação da capacidade técnica das empresas da qualificação dos RH ao seu serviço. Finalmente, com o Decreto-Lei n.º 92/2011, foi dada a “machadada final” no estímulo à qualificação dos RH da construção: o acima referido regime de certificação profissional foi revogado, sendo criada uma lista de “profissões regulamentadas”, as únicas para as quais passou a ser possível definir requisitos de qualificação, deixando de fora todas as profissões da construção. Chegou-se, assim, à situação caricata de ser exigível qualificação a um ajudante de cozinheiro, mas não o ser, por exemplo, a um operador de processo especial envolvido no reforço sísmico de um edifício,

ou a um canteiro envolvido no restauro de um monumento nacional!

Só agora surge, na legislação, algum indício do reconhecimento que a via do facilitismo no setor da construção está nas antípodas daquilo que o País precisa, ou seja, de profissionais e de empresas mais qualificadas, logo mais eficazes a criar riqueza. É o que parece significar o Decreto-Lei n.º 37/2015, cujo preâmbulo reconhece que “a apostar na formação e qualificações profissionais é condição essencial de desenvolvimento da capacidade competitiva das empresas, da promoção da produtividade e da empregabilidade...”. Para que este objetivo seja atingido, no que toca ao setor da construção, será necessário: primeiro, que as principais profissões sejam regulamentadas, ou seja, que o seu exercício dependa da posse dum certificado que ateste as qualificações profissionais necessárias; segundo, que o conhecimento da capacidade técnica das empresas, nas diferentes especialidades da construção, dependa da presença, nos seus quadros, não só de engenheiros e arquitetos, mas também de operários e quadros intermédios qualificados. ■

Património e criação de valor

O Programa Centro 2020

Ana Abrunhosa | Presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro

No período de programação 2014-2020, o enfoque nestas questões patrimoniais não é a “preservação”, mas a “valorização”, ou seja, a criação de valor a partir dos elementos patrimoniais.

A frase acima remete para um aspecto central nas comunidades humanas, neste caso a comunidade portuguesa, enquanto nação – o seu caráter identitário, a sua (dos portugueses) “identidade”. Na verdade, identificamo-nos com a saga dos Descobrimentos (antigos e modernos) e não podemos deixar de registar a noção de, nos anos sessenta, se ia “a salto” (à aventura) para as terras de além-Pirinéus.

Ora esta “identidade”, este “cartão de cidadania”, advém-nos daquilo a que podemos chamar “cultura”, em que uma das componentes registamos como sendo “Património”, querendo significar não só Património Histórico edificado (os Castelos, as Sés, os Conventos e Mosteiros, as Ruínas Romanas, etc.), mas também Património Natural (por exemplo, o Tejo Internacional ou Parque Natural da Serra da Estrela). No entanto, podem também caber aqui (no Património) conjuntos de edificado e espaço público, bem como elementos imateriais, como sejam as tradições orais, os cantos mais ou menos populares (o fado de Coimbra ou os adufes da Beira Baixa) e outras manifestações como sejam as romarias e que vão passando de geração em geração. E está, então, aqui, nesta mescla, o “nosso Património ‘genético’”, a nossa “identidade”.

No sentido de acautelar a preservação desse tipo de “Património” tem-se vindo a desenvolver (no período de programação 2007-2013) um conjunto de iniciativas e de pro-

“A nossa herança celta-latina e árabe, tão espontânea e de ansioso aspirar indefinido, subordinou-nos ao génio aventureiro. Tentar destruí-lo é inépcia e loucura, porque ele faz parte integrante do nosso ser. De resto, é uma forma de atividade humana. Devemos educá-lo, amoldando-o, sem o desnaturar, (...).”

*Teixeira de Pascoaes,
“A Arte de Ser Português”*

jetos tão abrangentes como os seguintes: Conservação, restauro, valorização ou reabilitação de monumentos, conjuntos e sítios arqueológicos; Criação de centros interpretativos de património cultural e criação, remodelação e instalação de serviços de apoio ao visitante; Realização de programas de animação do património cultural, criação de circuitos ou roteiros de património associados a redes de cooperação e organização de bens patrimoniais culturais em rede; Valorização, sensibilização, divulgação e promoção do património cultural móvel, imóvel, imaterial e

oral que contribuam para o acréscimo de públicos; Inventariação, investigação e divulgação dos patrimónios rural, fluvio-marítimo e edificado vernacular, bem como do “saber-fazer” antigo dos artesãos, das artes tradicionais, da literatura oral, da medicina popular, nos domínios etnográfico e antropológico, e levantamento de expressões culturais tradicionais imateriais individuais e coletivas, designadamente através do seu registo videográfico e fonográfico; Recuperação e valorização de teatros e cineteatros; Programação cultural em rede, com a participação de dife-

“

No período de programação 2014-2020, o enfoque nestas questões patrimoniais não é a “preservação”, mas a “valorização”, ou seja, a criação de valor a partir dos elementos patrimoniais.

”

QUADRO 1

REGULAMENTO ESPECÍFICO	INVESTIMENTO TOTAL APROVADO	INVESTIMENTO ELEGÍVEL APROVADO	FEDER APROVADO
Património Cultural	€ 25.226.746,99	€ 22.840.282,79	€ 19.414.240,38
Parcerias para a Regeneração Urbana	€ 277.990.824,47	€ 245.873.549,83	€ 206.128.990,17
Rede de Equipamentos Culturais	€ 19.543.303,13	€ 13.545.107,94	€ 11.143.020,10
TOTAL	€ 322.760.874,59	€ 282.258.940,56	€ 236.686.250,65

rentes equipamentos culturais; Estruturação e consolidação de centros de arte contemporânea, entre outros.

Neste caso, o Programa Operacional Regional “Mais Centro” apoiou um conjunto enorme de iniciativas e cujos resultados, em termos financeiros, tentamos resumir no quadro 1.

Ou seja, está em causa um montante de investimento que supera 320 milhões de euros a que corresponde um volume de recursos financeiros de apoio (pelo FEDER, enquanto fundo estrutural e proveniente dos recursos que os cidadãos europeus decidem partilhar solidariamente) superior a 236 milhões de euros.

No período de programação 2014-2020, o enfoque nestas questões patrimoniais não é a “preservação”, mas a “valorização”, ou seja, a criação de valor a partir dos elementos patrimoniais.

Assim, é possível apoiar iniciativas de apoio ao Património construído e natural. Do corpo do Programa Operacional Regional, Centro 2020, respiqamos o seguinte texto: “A Região Centro dispõe de recursos patrimoniais de inegável qualidade e diversidade associados à sua história, existindo marcas de valia nacional e internacional (património da Humanidade reconhecido pela UNESCO: Mosteiro da Batalha, Mosteiro de Alcobaça, Convento de Cristo em Tomar, Universidade de Coimbra – Alta e Sofia, os vestígios da romanização como Conímbriga e Centum Cellas, património associado às ordens religiosas e monumentos de caráter militar, etc.). No que respeita ao património natural, destacam-se as áreas classificadas da Serra da Estrela, da Serra da Malcata, da Serra de Aire e Candeeiros, da Serra da Gardunha, da Serra do Açor, do Sítio, de Montemuro, do Caramulo, bem como as reservas naturais das Berlengas, dos Paúis de Arzila, Madriz e Taipal.

As operações devem estar alinhadas com a estratégia regional e nacional de turismo, das quais se realça a qualificação da oferta/produtos a nível regional, associados ao património e à cultura, ao turismo de natureza e turismo ativo, ao termalismo, à saúde e bem-estar, à gastronomia & vinhos, ao sol & mar, ao turismo náutico, golfe e turismo acessível, e ainda ao turismo religioso (eg. Judaico e Católico) e ao turismo médico.”

Tendo em conta esta realidade, o Programa Operacional Regional do Centro para 2014-2020, Centro 2020, prevê uma medida específica para as questões patrimoniais, associando património (natural e construído) à criação de valor. ■



O património edificado da Região Centro e a ação da Direção Regional

A. C. Carvalho | Divisão de Património e Salvaguarda da Direção Regional de Cultura do Centro (DPS-DRCC)

Estendendo-se a região centro desde o litoral atlântico até ao interior mais profundo com uma extensa fronteira com a vizinha Espanha, este território abrange uma quantidade muito significativa e variada de património.

A

cidade de Coimbra, com a classificação pela Unesco da sua Universidade e dos Colégios da rua da Sofia, pode considerar-se o expoente dominante de todo este universo de património que nos é transmitido como um legado de que se tem como missão mais importante cuidar e manter.

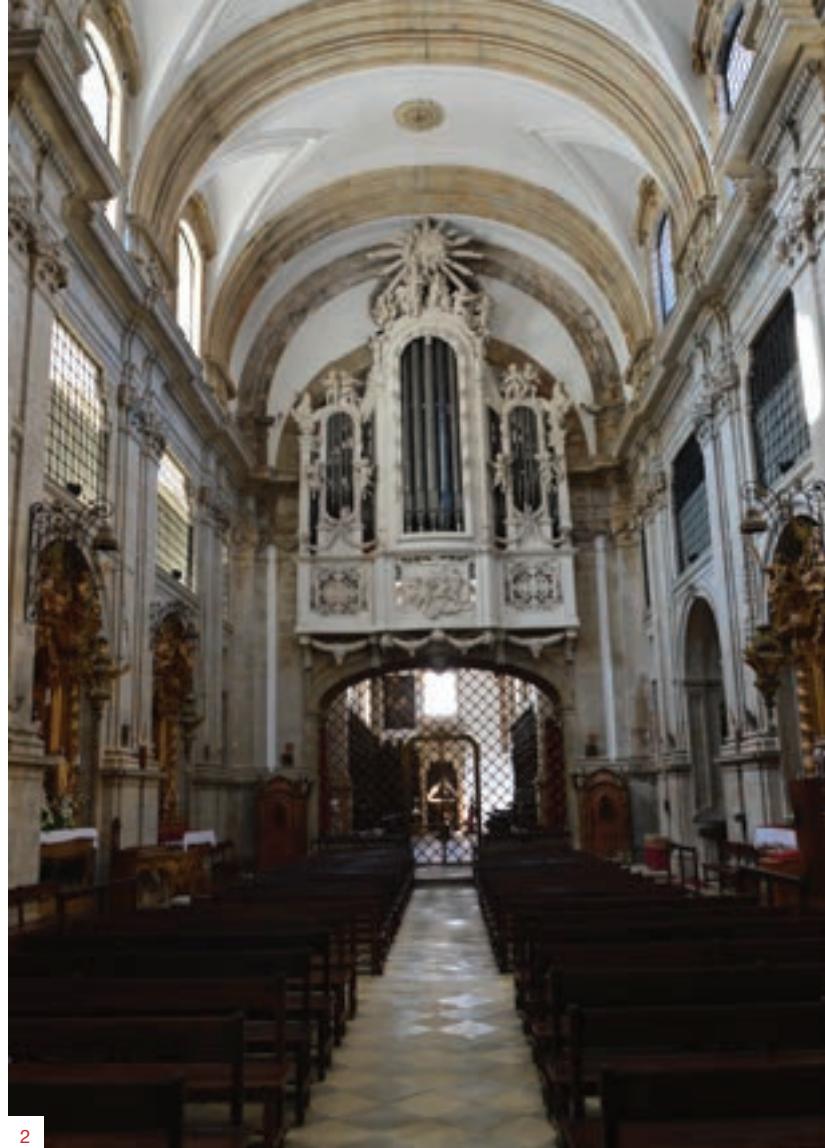
O património classificado que se localiza nesta região, construções religiosas e construções civis, encontra-se disperso, quase uniformemente, por todo o território. É possível encontrar castelos e muralhas defensivas

- 1 | Castelo de Montemor-o-Velho.
 2 | Órgão clássico da Igreja de Lorvão.
 3 | Retábulo de São João Baptista, Sé de Viseu.

vas, cuja dispersão geográfica, quantidade e enquadramento histórico permite organizar, pelo menos, em dois grandes grupos: os castelos e muralhas do Mondego e as fortalezas defensivas da raia. De igual modo, ainda como património não religioso, encontramos em todo este extenso território um número elevado de solares e palácios, atestando o empenho e riqueza de uma sociedade que, com dinamismo e saber, aproveitou as características naturais, riqueza e diversidade da região para aqui se instalar.

Associada à importância da vida da urbe, posiciona-se nesta região um conjunto notável de imóveis religiosos. Desde o esplendor das catedrais edificadas nas principais capitais de distrito, até aos mosteiros e conventos que, nalguns casos, procurando afastar-se do bulício urbano, todos procuram territórios calmos e ricos, que permitam uma auto-sustentação. Como complemento e, mostrando igualmente quanto diversificado é este território, podem ainda identificar-se testemunhos notáveis da ação criativa do homem na sua adaptação ao meio, pela construção de aldeias com características singulares que, por si só, constituem um legado para o qual se deve olhar com a mesma atitude com que se olha para a mais bela igreja ou catedral.

Desde o começo do século XX que o Estado vem procedendo à classificação destes imóveis e conjuntos. Na região centro encontrase localizado um elevado número de edifícios com a designação de monumentos com



um grau de classificação nacional, público e municipal. A par destes imóveis isolados, existem importantes conjuntos que se encontram igualmente classificados, atestando, mais uma vez, a diversidade e empenho do homem em valorizar os elementos que cria e em se adaptar ao meio (pois é disto que estamos a falar quando se pretende destacar, pela classificação, aldeias como o Piódão ou Monsanto).

A ação da Direção Regional, seguindo as práticas dos organismos que a antecederam e dos quais emana o seu corpo técnico

(DGEMN, IPPAR, DRC), monitoriza, cuida, recomenda, intervém e acompanha de uma forma rigorosa e exigente as obras que se realizam nestes imóveis. Tem estabelecido como seu principal objetivo, neste domínio, cumprir e fazer cumprir todo o quadro legal e recomendações internacionais sobre como intervir no património. De igual modo assume que as intervenções, quer de sua iniciativa, quer naquelas a que é chamada para fiscalização, se pautam pelo respeito pela integridade e pelo património, tendo como princípio o assumir-se um caráter de reversibilidade e de



4 | Convento de Santa Maria de Semide.

5 | Igreja de São Pedro, Arganil.

intervenção mínima, quer se trate de ações de conservação e restauro, quer da própria adaptação dos espaços a um uso compatível com a vida atual.

A consistente prática desenvolvida pela equipa técnica deste organismo da administração central – arquitetos, engenheiros, arqueólogos e historiadores – permitiu que se identificasse um conjunto de situações graves no património, que levaram a que em 2012 se avançasse com um plano de obras em imóveis classificados, absorvendo fundos europeus, que ascendeu a cerca de 3 milhões de euros. Como referido, foram intervencionados imóveis sinalizados em situação de risco, sendo a Casa do Passal, o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova e a Capela da Vista Alegre bons exemplos.

Espera-se que esta prática tenha continuidade na região centro, pelo que já foi aprovado um mapeamento – que se vai desenvolver em

candidaturas ao quadro comunitário centro 2020 – voltado para a reabilitação do património classificado, que contempla intervenções em mais de 50 imóveis, desde sítios arqueológicos até catedrais e mosteiros. É de salientar que se pode destacar como um dos principais critérios para a seleção destes imóveis o seu estado de conservação e a necessidade de inverter situações de acentuada degradação e risco de ruína.

A par da reabilitação do património classificado que se encontra disperso pelo território, atua também esta direção regional de forma indireta nos homogéneos conjuntos edificados onde estes se inserem, quer com o estudo e definição de zonas especiais de proteção, quer na avaliação das intervenções que aí se realizam. Estas ações desenvolvem-se convocando todos os atores que intervêm nos centros históricos: técnicos das autarquias, técnicos privados e promotores. Os resulta-

dos obtidos permitem afirmar que o trabalho desenvolvido na área da reabilitação urbana dos centros históricos desta extensa região é de qualidade. E também é seguro constatar que se o esforço de requalificação se fica pelo monumento – continuando a envolvente ao sabor de intervenções especulativas ou desrespeitadoras das elementares regras de reabilitação – se perde grande parte das intenções, uma vez que a conservação e reabilitação deve conduzir à revitalização do imóvel e ao chamamento de mais pessoas para a sua fruição/contemplação, que só se sentirão perfeitamente nestes locais se se contar com uma integração urbana em ambiente cuidado.

É este o património da região centro, é esta a nossa prática que, sem fundamentalismos, queremos que assente na preservação do legado patrimonial para entrega às gerações futuras integral e íntegro. ■



**Diagnóstico,
Levantamento
e Controlo de Qualidade
em Estruturas
e Fundações, Lda.**



www.oz-diagnostico.pt

Com mais de 25 anos de experiência e detentora da Marca de Qualidade LNEC e da Certificação ISO 9001:2008, a Oz está em condições de prestar um conjunto de serviços de elevada especificidade, numa área de grande exigência, de forte componente tecnológica e de constante inovação.

The company's 25 years of experience, LNEC's Quality Mark and ISO 9001:2008 Certification are a guarantee of quality services in a field with high standards, a strong technological component and under constant innovation.

Entre estes serviços, destacam-se:
Services provided include:

Monitorização de deformações e movimentos das estruturas
Monitoring and follow-up of structural motion

Avaliação da segurança estrutural e do risco sísmico de construções
Assessment of structural safety and seismic risk of buildings

Vistoria de edifícios e outras estruturas com identificação e registo de anomalias
Survey of buildings and other structures and anomaly identification and record

Levantamento da geometria e constituição dos elementos estruturais e fundações
Survey of geometry, layout and constitution of structures and foundations

Ensaios para caracterização da resistência e estado de conservação dos materiais e elementos estruturais
Tests for characterisation of strength and condition of materials and structural components

Inspecção, diagnóstico e projecto no âmbito de reabilitação energética de edifícios
Survey, diagnostic and design for energy rehabilitation of existing buildings

Elaboração de planos de manutenção de edifícios
Maintenance planning for buildings



Ensaio de macacos planos numa parede:
medição de deslocamentos com alongâmetro.
Flatjack tests: measurement of strain.



Observação endoscópica do arco duma ponte antiga.
Boroscopic observation of the interior of a masonry bridge.



Extracção de carote na laje de cobertura de
um edifício, para caracterização do material.
Core extraction from building's roof layer in order to characterise the material.

**DIAGNOSTICAR ANTES DE INTERVIR
DIAGNOSE BEFORE TAKING ACTION**

Palacete da Condessa de Lobão

Os tectos em estuque Arte Nova

Antero Leite | ACER – Associação Cultural e de Estudos Regionais | www.acer-pt.org

No Porto, conhecem-se os tectos do palacete da Condessa de Santiago de Lobão, principal obra em Arte Nova de António Enes Baganha (1880-1934), discípulo de Joaquim Gonçalves da Silva. Dele recebeu, possivelmente, influência para se dedicar também à Arte Nova, ou então teria sido por revistas e livros que tomou contacto com a nova corrente estilística saída da Exposição Universal de Paris de 1900.

A

ausência de inventários não permite analisar se foi ou não muito aplicado o estuque Arte Nova nos interiores das mansões portuguesas. Atendendo a alguns autores¹ poder-se-ia concluir que não houve grande aceitação pelos donos dos palacetes para a introdução dos ornatos em gesso com as linhas sinuosas e ondulantes, quer isoladas, quer em entrelaçados e ramificações envolvendo flores.

Para Maria de São José Pinto Leite, “os encantadores (dos trabalhos da Oficina Baganha, do Porto) pertenciam à burguesia ligada à indústria e ao comércio e os seus gostos dirigiam-se predominantemente para as decorações revivalistas das estéticas rococó e neoclássica”².

Em Lisboa, a clientela dos estucadores seria idêntica. Prova-o, Maria Fernanda Pinto Basto com o seu levantamento dos estuques na arquitetura doméstica da capital ao concluir que “da análise efectuada, observámos que o ecletismo foi a grande marca das diferentes opções, comprehensível para a época coadunante com o seu desenvolvimento, mas menos coerente com períodos posteriores em pleno século XX”³.

Contudo, não deixou de referir em nota de pé de página que “as arquiteturas domésticas de Lisboa estão plenas desta arte decorativa e alguns inesperados casos deste arquivo, apesar das muitas centenas de fichas de inventário levantadas, levam a crer que ainda haverá muitos outros exemplos por descobrir”⁴.

Os “inesperados casos” que referiu diziam respeito aos estuques Arte Nova encontrados nas freguesias da Graça (“uma intervenção Arte Nova realçada a ouro”)⁵ e de Nossa Senhora de Belém (“elementos decorativos afectos à linha curva nas folhagens ondulantes e outros”)⁶.

No Porto, conhecem-se os tectos do palacete da Condessa de Santiago de Lobão, situado no gaveto da Av. da Boavista com a Rua de Belos Ares⁷ mandado construir por Lino Henriques Bento de Sousa, capitalista torna-viagem natural da freguesia de Lobão, Vila da Feira. Ali viveu com sua mulher D. Maria Albertina Saraiva de Sousa e em 10.3.1906 recebeu o título de Visconde concedido por D. Carlos I e o de Conde de Lobão por D. Manuel II em 22.2.1908⁸. Como não deixaram descendentes, o casal le-gou a Casa e seu recheio à Câmara Municipal do Porto. Actualmente é utilizada pelo Centro Regional de Segurança Social.

António Enes Baganha (1880-1934) é, segundo Flórido de Vasconcelos, o autor da deco-



ração. Natural da freguesia de Areosa (Viana do Castelo), veio para o Porto, cerca de 1907-1908, acompanhado de seu irmão Manuel, estabelecendo na Rua do Vilar, 195 a Oficina de Escultura Decorativa de António Enes Baganha – Construções⁹. Mais tarde, em 1922, mudaram-se para a Rua do Rosário em prédio construído segundo projecto do Arquitecto Marques da Silva¹⁰.

Nos primeiros anos de trabalho frequentou a Escola de Arte Aplicada Soares dos Reis¹¹, adstrita à Escola de Faria de Guimarães, onde foi aluno de Joaquim Gonçalves da Silva mestre que “revolucionou e melhorou o modo de fazer ornamentação decorativa, que António Enes Baganha interpretou habilmente”¹². Dele recebeu, possivelmente, influência para se dedicar também à Arte Nova, ou então teria sido por revistas e livros que tomou contacto com a nova corrente estilística saída da Exposição Universal de Paris de 1900.

António Baganha tentou implementá-la com a decoração em estuque Arte Nova. A sua prematura morte em 1934, vítima de desastre automóvel quando se dirigia para S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis e Estarreja, em visita a obras¹³, constituiu um revés na evolução da arte do estuque decorativo, pois daquele artista muito havia a esperar.

Os tectos da Casa da Condessa de Lobão foram a sua principal obra em Arte Nova, embora se conheça também uma decoração naquele estilo no quarto da sua residência na Rua do Rosário¹⁴.

No tecto da sala de jantar a decoração em estuque relevado é uma profusa distribuição, não caótica mas ordenada, de ornatos desenhados com linhas curvilíneas sugerindo as ondulações dos caules das plantas. Algumas estão mesmo reproduzidas e há arranjos florais opostos sem quebrarem a acção do movimento que se transmite ao centro com a espi-

ral de ramagem e folhagem a envolver o ponto de luz. ■

Separando a sala de jantar de uma outra dependência mais pequena encontra-se um arco apoiado em colunelos canelados envolvidos por ramagem. A meio, foi inserida uma cartela com rosto feminino e grande chapéu vegetalista. É enquadrada por arranjo floral (rosas) e ornato fitomórfico. ■

* Artigo redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

NOTAS

1. Segundo Maria São José Pinto Leite, “na produção da oficina Baganha são muito mais numerosos os modelos revivalistas do que os influenciados pelas últimas realizações europeias do fim do século” (in Leite, Maria São José Pinto (2008) – Os Estuques no século XX no Porto. A Oficina Baganha. Porto, Ed. Universidade Católica – CITAR, p. 73, n.º 162).

2. Leite, Maria de São José Pinto – Ob. cit., p. 99.

3. Basto, Maria Fernanda Pinto (2009) – Estuques de Lisboa na Arquitetura Doméstica. Actas do 1.º Seminário Internacional “A Presença do Estuque em Portugal. Do neolítico à época contemporânea. Estudos para uma base de dados”, Centro Cultural de Cascais, 2 a 5 de Maio 2007. Cascais, Ed. Câmara Municipal de Cascais, p. 326.

4. Basto, Maria Fernanda Pinto – Ob. cit. p. 317, n.º 50.

5. Idem, ibidem, p. 319.

6. Idem, ibidem, p. 321.

7. Vasconcelos, Flórido de (1997) – Os Estuques do Porto. Porto, Ed. Câmara Municipal do Porto, Departamento de Museus e Património Cultural, Divisão de Património Cultural, p. 79, n.º 60.

8. Nobreza de Portugal, volume III, p. 306-307 (<http://geneall.net/pt/forum/146106/conde-de-santiago-loba/>).

9. Leite, Maria de São José Pinto – Ob. cit., p. 70.

10. Idem, ibidem, p. 71, n.º 156.

11. Idem, ibidem e ainda a tese de Maria Natália de Magalhães Moreira Lobo (1998) – O Ensino das Artes Aplicadas e talha na Escola Faria de Guimarães de 1886 a 1948, 2 volumes. Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, onde se refere na p. 133 do 1.º vol. que A. Baganha executou um modelo que “serviu de inspiração para outros alunos”.

12. Meira, Avelino Ramos (2004) – Afife (Síntese Monográfica). Ed. Autor, Reed. Fac-símile da Junta de Freguesia de Afife, p. 116.

13. Meira, Avelino Ramos – Ob. cit., p. 115.

14. Leite, Maria de São José Pinto – Ob. cit., p. 95.



O Restauro de um DC-3

O avião bimotor Dakota

José António Roxo | Vintage Aero Club

Entre 2013 e 2015 o Dakota foi restaurado com o apoio de voluntários especialistas da TAP e do Vintage Aero Club, exemplificando a aeronave que inaugurou a Linha Imperial da TAP, a 31 de dezembro de 1946, que ligava a metrópole (Lisboa) ao continente africano, tendo como destino final as colónias portuguesas, Angola e Moçambique.

O DC3/C47, Dakota, é um avião bimotor de carga com o maior número de modelos construídos – 16 079 unidades – estando ainda hoje a voar umas centenas de Dakotas em todo o mundo.

O projeto de construção teve início nos anos 30 do século XX, mas foi com a 2.ª Guerra Mundial que se desenvolveu em várias versões para transporte de carga ou de tropas. Com o fim do conflito em 1945, muitos DC-3 seriam adaptados para uso civil e transporte de passageiros.

É o caso do avião, que foi restaurado, um C47B, fabricado nos Estados Unidos da América em 1943, que participou em várias missões durante a 2.ª Guerra Mundial, uma delas a largada de paracaidistas sobre a Normandia,

França, no dia D, a 6 de junho de 1944. Vendido em 1945 como excedente de guerra à companhia aérea irlandesa Air Lingus, seria novamente vendido em 1959 à IAE – Israeli Aircraft Industry.

Quatro anos mais tarde, o Estado Português adquire a aeronave e integra-a na frota da DGAC (Direção-Geral da Aeronáutica Civil) para efetuar até 1979 transporte de pessoal, voos de certificação e calibração de rádio ajudas instaladas nas pistas dos aeroportos nacionais e voos para estudos meteorológicos nos Açores e Madeira, com vista à construção de novos aeroportos. Em 1985, após a inauguração do Museu da TAP, o Conselho de Gerência da TAP propõe à DGAC a transferência do avião para o acervo do seu museu, mas só em 1996 a companhia o recebe. Seria pintado, em 2005,

com o 1.º logótipo da companhia para simular, deste modo, o primeiro DC-3 ao serviço dos Transportes Aéreos Portugueses em 1945. Enquanto espólio da TAP, foram-lhes aplicados vários tratamentos estéticos, principalmente ao nível do exterior, tendo o seu interior degradado significativamente ao longo dos anos.

Ao abrigo do protocolo museológico, assinado em 2009, entre a Força Aérea e a TAP, é transferido em 2012 para a exposição no Museu do Ar, em Sintra. No estado em que o seu interior estava seria impossível visitá-lo, assim um grupo de voluntários propôs restaurá-lo.

Entre 2013 e 2015 é restaurado com o apoio de voluntários especialistas da TAP e do Vintage Aero Club, exemplificando a aeronave que inaugurou a Linha Imperial da TAP, a 31 de de-



2 | 3



4

zembro de 1946, que ligava a metrópole (Lisboa) ao continente africano, tendo como destino final as colónias portuguesas, Angola e Moçambique. Pintado com as cores da TAP de um lado e do outro com as da DGAC, prestava-se, simultaneamente, tributo ao seu primeiro proprietário nacional.

Foram efetuadas aproximadamente 135 sessões, só dos voluntários não profissionais da TAP, o que contabiliza cerca de 3 700 horas de trabalho. As horas de trabalho voluntário do pessoal profissional foram impossíveis de contabilizar.

O avião, agora exposto no Museu do Ar em Sintra, tem duas cabines principais, a dos 17 passageiros e a de pilotagem, com 4 lugares de tripulantes. Além disso tem ainda a zona da galley (cozinha) e o porão de carga. Existem ainda 2 posições para levar a carga dos passageiros e também um pequeno lavabo.

No intuito de ter uma recriação o mais fiel possível do dia 31 de dezembro de 1946, dia em que o Dakota CS-TDE inaugurou a linha imperial da TAP – mais de 12 000 km de viagem e 13 dias de viagem – o projeto de restauro integrou algumas referências. Por exemplo, pretende-se dar a ideia de que o avião está preparado para que o visitante embarque para

esse voo. Daí as malas nas bagageiras, as roupas nos cabides, os manuais nos postos dos tripulantes, etc.

Na configuração dos aviões da linha imperial, duas filas dianteiras do lado esquerdo eram retiradas, de modo a permitir maior capacidade de carga. Na cabine de pilotagem, a primeira posição do lado esquerdo era do navegador, que de modo visual ou recorrendo a instrumentos como o derivómetro ou a observação astronómica, determinava a sua posição. Os copilotos eram também navegadores, para acumularem funções em voo. Do lado direito, logo a seguir está o rádio telegrafista, que além das comunicações, guardava também os manuais do avião, alguns deles usados pelo mecânico de voo que por vezes viajava a bordo. Finalmente, temos os lugares dos pilotos, com o comandante sentado do lado esquerdo.

Uma visita ao Museu do Ar em Sintra onde ele está exposto, é indispensável a quem gosta de aviões. Não só por este Dakota, mas pelo excelente acervo exposto.

Mais informações

www.vintageaeroclub.org
www.facebook.com/vintageaeroclub

1 | O avião DC-3/C47, Dakota.

2 | Restauro da parte exterior do avião.

3 | Cabine de pilotagem já restaurada.

4 | Restauro da parte interior do avião.



1 2

A salvaguarda do património é um fenómeno internacional

Miguel Brito Correia | Arquiteto

N

ão é possível determinar com exactidão quando começou o movimento de defesa do património cultural, nem quando é que esse movimento ultrapassou as fronteiras dos países para se tornar um fenómeno mundial. Desde a Antiguidade que encontramos sinais da vontade de preservar os vestígios dos antepassados, embora estes vestígios estivessem (como ainda hoje estão) em constante perigo de destruição.

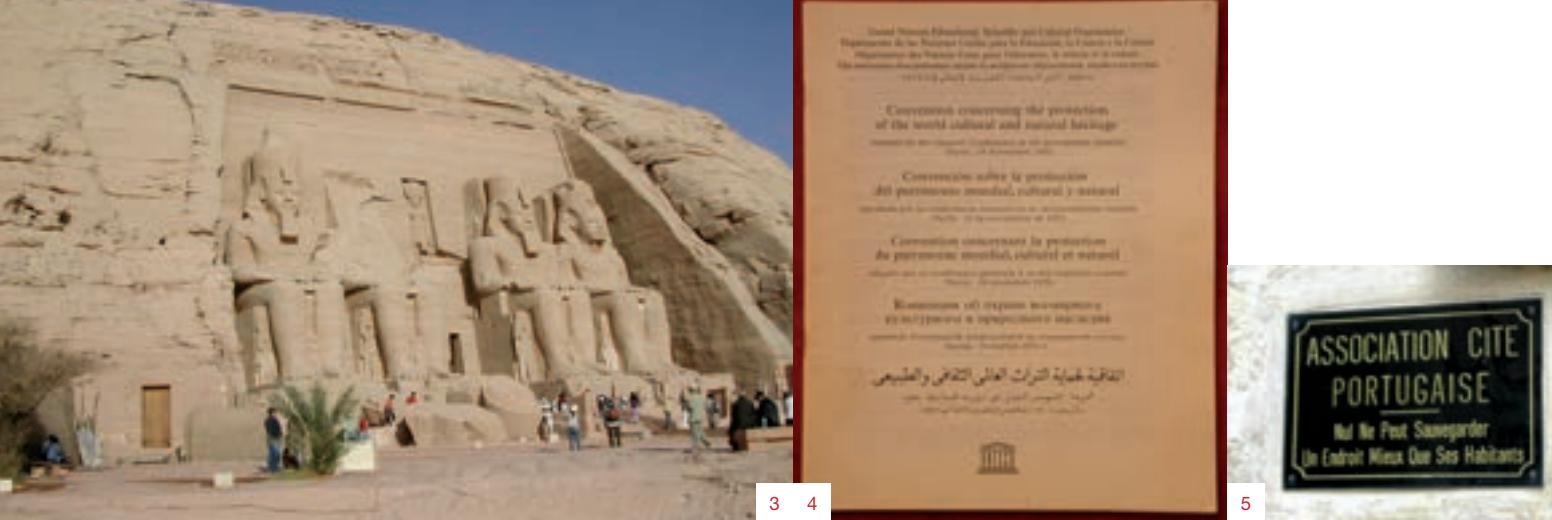
A partir do Renascimento observa-se um interesse crescente pelos vestígios da Grécia e Roma antigas, que lentamente se foi alargando a outras civilizações e períodos históricos. No século XVIII este fenómeno estava consolidado na Europa e, embora houvesse guerras terríveis e destruições de todo o tipo, pode-se dizer que começava a generalizar-se um certo respeito pelas construções antigas. No entanto, foi o século XIX que assistiu ao nascimento de diversas correntes teóricas sobre como intervir nos monumentos, fruto da reflexão sobre as cada vez mais numerosas obras de restauro que se iam executando, e foi neste período que diversos países (eram em muito menor número do que os atuais Estados) foram criando legislação nacional nesta matéria.

Com a crescente rapidez de comunicações e transportes, também a disciplina do restauro de monumentos se difundiu e “internacionalizou”. A internacionalização do património deu-se pelas duas vias, não só se espalhou por cada vez mais países e regiões do mundo, como procurou adotar princípios que fossem aceites por todos: já não só a nível nacional (local) mas também a nível global. As associações de defesa do património nascem no século XIX, inspirando-se cada país na experiência dos outros. De modo a partilhar experiências, começaram a realizar-se congressos que reuniam um crescente número de adeptos da causa do património cultural.

Um destes foi o *Congresso Internacional para a Proteção das Obras de Arte e Monumentos*, realizado em Paris no ano da inauguração da Torre Eiffel, com a participação de vários países (Brasil, Rússia, Alemanha, etc.). É impressionante a atualidade das resoluções que foram adotadas nesse longínquo ano de 1889: foram propostas (1) a criação de comissões nacionais e internacionais de “Amigos dos Monumentos”; (2) a documentação escrita e gráfica sobre qualquer intervenção em património; (3) a redução da carga fiscal sobre os proprietários de edifícios antigos; (4) o registo

escrito e gráfico dos edifícios demolidos; (5) a valorização dos monumentos pela sua iluminação e abertura ao público; (6a) os monumentos da arte pertencem a toda a humanidade; (6b) o Governo de cada país deve indicar aqueles monumentos, cuja salvaguarda deve estar assegurada em tempo de guerra por uma convenção internacional; (7) as comissões de monumentos devem ser compostas por artistas, arqueólogos e eruditos; (8) a recusa da limpeza excessiva dos elementos arquitetónicos; (11) a criação de uma publicação internacional para ligar os artistas e os estudiosos da arte; (12) a criação de arquivos internacionais de desenhos históricos de arquitetura; (13) o reconhecimento profissional dos conservadores-restauradores; (15) a distinção de empreiteiros especializados no restauro de monumentos; (17) a intervenção mínima para adaptar os monumentos à função de uso; (18) a revisão da legislação sobre exportação de obras de arte; (19) a uniformização das legislações nacionais de proteção do património; e (20) continuar a organizar congressos internacionais.

Um dos sinais da vontade de internacionalizar a salvaguarda do património foi a elaboração de normas internacionais que uniformi-



1 | Convento de Cristo, em Tomar.

2 | Mesquita-Catedral de Córdova (Espanha), bem inscrito na Lista do Património Mundial em 1984.

3 | Abu Simbel resgatado da submersão pela Barragem de Assuão (Egito, 1959-80).

4 | Convenção do Património Mundial (UNESCO, 1972).

5 | Placa em Mazagão (Marrocos), bem inscrito na Lista do Património Mundial em 2004.

zassem a legislação dos vários países. Provavelmente, a mais antiga convenção que refere explicitamente a salvaguarda de monumentos, embora tenha sido elaborada para regular a conduta dos Estados em caso de conflito armado, é a *Convenção de Bruxelas* (1874), mas que não chegou a entrar em vigor. Seguiram-se as *Convenções da Haia* (1899) como conclusão da conferência internacional realizada nessa cidade holandesa, na qual participaram 26 Estados, referindo a segunda convenção que, “nos cercos e nos bombardeamentos, devem ser tomadas todas as necessárias e possíveis providências para que fiquem a salvo os edifícios consagrados ao culto, às artes, à ciência e à caridade, os hospitais (...) e o dever dos sitiados é marcar esses edifícios ou lugares por meio de sinais visíveis, anteriormente notificados aos sitiados.” (art.º 27.º).

A destruição causada pela Primeira Guerra Mundial levou à criação da Sociedade das Nações em 1919, que procurou congregar os esforços de cooperação entre os diversos países com vista à paz. Uma das formas de estreitar laços foi através da cultura, tendo sido fundada a Comissão Internacional de Cooperação Intelectual (CICI) que, através do seu

Serviço Internacional de Museus, organizou diversas conferências internacionais, de que realçamos a de Atenas (1931), cujas conclusões são a primeira norma internacional exclusivamente dedicada ao património: a *Carta de Atenas sobre o Restauro de Monumentos*.

O movimento de internacionalização da salvaguarda do património ganha novo ímpeto após a terrível Segunda Guerra Mundial, pela necessidade urgente de reconstrução e pela vontade de restaurar os monumentos, símbolo das nacionalidades abaladas pela guerra. Logo em 1945 foi criada a UNESCO, que sucedeu à CICI, e impulsionou o surgimento de outras organizações como o ICOM (1946), o ICCROM (1957) e o ICOMOS (1965). A UNESCO teve o mérito de coordenar intervenções em larga escala em locais emblemáticos (no Egito, na Indonésia, etc.) e de produzir importantes convenções e recomendações internacionais, de que salientamos a Convenção do Património Mundial (1972) devido ao enorme sucesso que tem tido na divulgação do património cultural e natural.

O ICCROM, com sede em Roma, tem sido um dos principais formadores de profissionais do património, complementado por um crescente

número de universidades que ministram cursos superiores nas diversas vertentes patrimoniais (York 1972, Leuven 1976, etc.). Já pensado no 1.º Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos (Paris, 1957) mas só concretizado após o 2º Congresso (Veneza, 1964), nasce o ICOMOS há precisamente meio século. O ICOMOS organiza trienalmente simpósios científicos que reúnem os principais especialistas nas diversas áreas do património e tem publicado, na sequência da *Carta de Veneza*, várias Cartas Internacionais sobre cada uma destas áreas (jardins históricos, arqueologia, turismo cultural, etc.).

No âmbito continental têm particular destaque a nível oficial o Conselho da Europa (1949) e a nível não-governamental a federação Europa Nostra (1963). O Conselho da Europa é a instituição mais fecunda na elaboração de instrumentos normativos na área do património cultural e eficaz na sensibilização da opinião pública, através de sucessivas iniciativas como o Ano Europeu do Património Arquitectónico (em 1975) ou as Jornadas Europeias do Património (desde 1985). A Europa Nostra criou um prémio anual que, desde 1978, promove a excelência nas obras de restauro de edifícios. Outro importante meio de divulgação do património tem sido o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, que desde 1982 se celebra em 18 de Abril, por sugestão do ICOMOS e com o apoio da UNESCO.

Este texto é dedicado ao Dr. Khaled al-Asaad, antigo diretor do sítio arqueológico de Palmira (na Síria), assassinado pelo EI em Agosto de 2015.

Património Industrial e Técnico

Novos desafios para o século XXI

Leonor Medeiros | Michigan Technological University & FCSH-UNL

2015 é o Ano Internacional do Património Industrial e Técnico. Esta iniciativa foi abraçada pela nossa Direcção-Geral do Património Cultural, que o definiu como tema das Jornadas Europeias do Património deste ano.



A

investigação em Arqueologia e Património Industrial chega a 2015 como uma disciplina ainda jovem mas já bem estabelecida, com as suas áreas de acção e métodos de actuação bem definidos, e amplamente aceite como uma área de estudo relevante a nível internacional. Continua no entanto a crescer, e atenta aos novos desafios e oportunidades do século XXI, dedicada não só à investigação do seu tema de estudo mas também em concretizar uma das suas características mais singulares dentro da Arqueologia e do Património: ser uma investigação actuante, com um papel fundamental na recuperação e manutenção da identidade das comunidades pós-industriais que se têm vindo a multiplicar nas últimas décadas.

O recente encontro do TICCIH, o Comité Internacional para a Conservação do Património Industrial, referência máxima nesta área, reuniu-se no início de Setembro em Lille, França, exactamente com o mote de pensar os desafios que se colocam à disciplina hoje. Entre eles destacam-se:

- a continuada e urgente necessidade de preservação do património industrial, bem como de encontrar usos que respeitem a identidade do sítio e as necessidades das populações locais;
- a crescente inclusão de sítios industriais na lista de Património da Humanidade da UNESCO e a necessidade de expandir a sua representatividade para outras tipologias e outras geografias que melhor representem a diversidade existente a nível mundial;

1 | Encontro internacional do TICCIH em Nord-Pas-de-Calais, França, em Setembro de 2015.



• a importância de utilizar o crescimento das novas tecnologias para os processos de inclusão e participação da sociedade nas actividades de preservação, desenvolvimento e promoção do seu património industrial.

Este encontro triannual do TICCIH reuniu representantes e investigadores de mais de 50 paí-

ses e revela bem o carácter iminentemente internacional do património industrial, bem como a enorme diversidade que comporta, fruto das diferentes adaptações e evoluções dos avanços tecnológicos. A espionagem industrial, que desde o século XVIII espreita os avanços técnicos em desenvolvimento nas várias nações industriais, é apenas uma pequena

parte da passagem de conhecimentos e práticas que se efectua a nível mundial. Pensamos apenas em como engenheiros e mineiros foram chamados da Alemanha para ajudar a desenvolver a Ferraria da Foz de Alge em Portugal, ou como a característica casa do motor das paisagens mineiras da Cornualha é encontrada em Espanha ou na América do



a reabilitar desde 1989



É essa a produção de engenharia à base do calvário em gipsite da mina de Carvalho, Caramulo, no Centro

Experiência. Conhecimento. Inovação.

Rua 5. Gonçalo de Monteiro, 22, Monteiro, Vila do Conde

T: 229 279 760 F: 229 279 769 | geral@stb.pt | www.stb.pt



2 | 3



2 | Vista da Ferraria da Foz de Alge, em Figueiró dos Vinhos.

3 | Mina de Pool, na Cornualha, Reino Unido.

Sul, fruto da emigração de vários trabalhadores para fora dos seus países de origem, transportando não só conhecimento científico mas também práticas culturais que foram enriquecer e diversificar os locais de destino.

Hoje em dia, em património industrial preocu-pamo-nos em partilhar um novo tipo de conhecimento científico, o das boas práticas em gestão deste património único, procurando formar profissionais com uma visão abrangente e adequada para se dirigir à natureza internacional deste património e ao seu funcionamento em sistema. De igual modo, queremos poder reunir todos os potenciais interessados neste património, quer a nível local quer das comunidades dispersas e virtuais, para definir em conjunto qual o melhor caminho para o desenvolvimento sustentável des-te património. É aí que entra o desafio das novas tecnologias, que, se utilizadas correc-tamente, podem ajudar a quebrar as distâncias geográficas que um dia foram cobertas por empresários e operários em nome do avanço industrial ou da busca de melhores condi-ções de vida.

2015 é também o Ano Internacional do Património Industrial e Técnico. Esta iniciativa, lançada pela E-FAITH (Federação Europeia

das Associações de Património Industrial e Técnico) foi abraçada por várias associações dedicadas a este património, demonstrando a pujança actual dos estudos na área do património industrial a nível mundial. Foi tam-bém abraçada pela nossa Direcção-Geral do Património Cultural, que definiu como tema das Jornadas Europeias do Património deste ano o Património Industrial e Técnico¹.

O novo século em que estamos é marcado pelas ferramentas da web 2.0, que promovem a partilha de histórias e opiniões, a colabora-ção online, e a rapidez e facilidade de acesso à informação. Fica como desafio para o leitor não só participar fisicamente dos vários even-tos promovidos pelas várias organizações e museus nacionais, ir conhecer mais das his-tórias e dos sítios que fizeram o período in-dustrial português, mas também interagir on-line partilhando as suas próprias histórias da indústria nas várias plataformas e grupos exis-tentes para o efeito. ■

NOTA

1. Programa em www.patrimoniocultural.pt.

* Artigo redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

SEMINÁRIOS E DEBATES

Seminário internacional "Internacionalização do Património"
Heritage Talks
Tourism Talks Pro
Conservation & Rehabilitation Talks
Innovation Point

CONCERTOS E ACTUAÇÕES

Capella Sanctae Crucis
Concerto Gaiteiros de Coimbra | A Música Portuguesa a Gostar Della Própria
Orquestra Clássica do Centro
Amanhecer Fado de Coimbra | Grupo de Fado Amanhecer

WORKSHOPS

Um Jardim Dentro de Casa | Associação Portuguesa de Jardins Históricos
O Desenho de Viagem no Nossa Quotidiano | Eduardo Salavisa

EXPOSIÇÕES

Cadernos de Memórias | Diários de Viagem de Eduardo Salavisa
Preview O Mestre Alfaiate e o Alquimista | Cristina Rodrigues

ARTESANATO, OFÍCIOS E TRADIÇÕES

Oficinas | Fundação Ricardo Espírito Santo e CEARTE

VÍDEO

Light Paintings - Cultural Heritage (Video Mapping) | OCUBO
O Povo que Ainda Canta | A Música Portuguesa a Gostar Della Própria
Mostra de filmes diversos | Binaural Nodar
APROXIMAR (Video-Wall) | Spira e Associação Mundo Património
APROXIMAR (Vídeo) | Spira e Associação Mundo Património
NINHUS (Video-Dança) | Spira, Associação Mundo Património e Aposénior

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Aproxime-se! - Roteiros pela Cidade de Coimbra | Mundo Património
Miúdos no Património | Mundo Património
Atelier de Caligrafia | Emirados Árabes Unidos
Campeonato de Jogos de Tabuleiro | Pythagoras
Jogo à Descoberta de Coimbra | Ideias com História

FEIRA DO PATRIMÓNIO

9, 10 E 11 DE OUTUBRO DE 2015

INTERNACIONALIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra

PROGRAMA



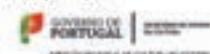
Um projeto:



Parceiro Premium:



Co-organização:



Parcerias Estratégicas:



Aprovação da candidatura de Jidá a património mundial exige reabilitação

O centro histórico de Jidá, cidade da Arábia Saudita situada na costa do Mar Vermelho, foi recentemente incluído na lista de património mundial da UNESCO graças à sua distinta tradição arquitetónica.

Nas suas construções características, que compreendem, entre outras, casas-torres edificadas em finais do século XIX, combina-se a tradição arquitetónica local de uso de rochas de coral do Mar Vermelho com influências e técnicas artesanais importadas através das rotas comerciais do Oceano Índico.

A candidatura, que tinha sido rejeitada em 2011 pela Comissão do Património Mundial devido ao prolongado estado de degradação do centro histórico, foi aceite em 2014, tendo a aprovação sido acompanhada de um conjunto de requisitos e exigências de reabilitação.

Desenvolver um sistema de gestão do centro histórico, criar um sistema de monitorização do estado de conservação das construções, travar a degradação dos edifícios históricos, avaliar os empreendimentos propostos ou em curso de modo a assegurar a autenticidade, e melhorar a apresentação

dos edifícios de modo a aumentar a qualidade da experiência vivida pelos visitantes são alguns destes requisitos, que incluem também a conceção, projeto e execução de empreendimentos âncora.

O GECoRPA – Grémio do Património tem trabalhado em estreita colaboração com a AICEP – Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, com o

objetivo de dar a conhecer, nos mercados do Médio Oriente, as competências das empresas portuguesas no âmbito da valorização dos centros históricos e do Património, concretamente na reabilitação do edificado antigo e na conservação e restauro do património histórico-artístico.

1 | Centro histórico de Jidá.



1

Iniciativa “Construir com Terra / Taipa” qualifica profissionais

Decorreu de 28 a 30 de julho, no Departamento de Engenharia Civil da Universidade Nova de Lisboa, Campus de Caparica, um curso de construção em taipa, com avaliação, destinado a candidatos ao nível de qualificação profissional 3.

A avaliação foi feita com base num conjunto de unidades ou fichas que resumem as aptidões, os conhecimentos e as competências que a organização considerou necessários para validar, através de critérios de avaliação também definidos, a capacitação dum profissional. Essa capacitação pode ter sido obtida por formação recente específica antes da avaliação ou por formação ao longo da vida.

E no caso destas unidades, estruturaram-se em créditos ECVET (uniformizados a nível Europeu), para que tanto as validações de qualificações como a sua aceitação sejam reconhecidas por toda a Europa.

O curso “Construir com Terra / Taipa” foi organizado no âmbito do projeto PIRATE, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e pela Associação Centro da Terra.



1 | Exame prático do curso “Construir com Terra/Taipa”.

Do Coa à Coreia

A Arte Rupestre também se internacionaliza

No dia 9 de setembro foi inaugurada no Museu do Petróglifo em Ulsan, Coreia do Sul, a exposição “A Arte Rupestre do Vale do Coa”, que dá a conhecer ao público coreano detalhadamente a arte paleolítica ao ar livre encontrada no famoso sítio arqueológico português. Esta parceria surgiu a partir de um convite feito à Fundação Coa Parque pelo diretor do museu coreano, Sangmog Lee, e proporcionou a criação da primeira grande mostra sobre o Vale do Coa fora de Portugal.

Comissariada por António Martinho Baptista, a exposição divide-se em duas partes. A primeira versa sobre a descoberta e toda a epopeia que culmina com a criação do Parque Arqueológico do Coa, já na segunda e maior parcela apresenta-se a arte rupestre, suas técnicas, sua diacronia e sua beleza. Destacamos ainda, uma réplica da rocha mais visitada do parque, a rocha 3 da Penascosa, que ficará no Museu do Petróglifo.

A cidade de Ulsan localiza-se no sudeste da Coreia do Sul e tem 1,1 milhões de habitantes, apesar disto guarda um ponto em comum com o Coa, nas suas proximidades existe o sítio arqueológico de Bangu-Dae, onde foram encontradas gravuras pré-históricas.

RSB



1 | Exposição “A Arte Rupestre do Coa”, Coreia do Sul. © Fundação Coa Parque

2 | Inauguração da exposição. © Fundação Coa Parque

3 | Cartaz da exposição “A Arte Rupestre do Coa”. © Fundação Coa Parque

4 | Painéis da exposição “A Arte Rupestre do Coa”. © Fundação Coa Parque

Torre de menagem do castelo de Beja vai ser recuperada pela Stap, S.A.

Depois da derrocada, em novembro do ano passado, de parte de um varandim da torre de menagem do castelo de Beja, e depois da avaliação efetuada, o município adjudicou os trabalhos de reparação da estrutura à Stap – Reparação, Consolidação e Modificação de Estruturas, S. A., associada do GECoRPA – Grémio do Património.

A decisão da autarquia foi precedida de uma análise técnica pormenorizada à estrutura do edifício, com o objetivo de encontrar uma solução para os problemas identificados.

As anomalias observadas obrigavam a uma intervenção urgente destinada a escorar os elementos arquitetónicos em risco, evitando assim a progressão da área de instabilidade e garantindo a segurança das pessoas e da estrutura.

A reparação da estrutura que ruiu parcialmente no ano passado vai obrigar a desmontar e remontar todos os varandins do monumento e a substituir os elementos fraturados. Será ainda necessário efetuar um tratamento com biocida e herbicida das superfícies exteriores da torre, bem como colmatar lacunas e preencher as juntas das alvenarias.

A empreitada foi adjudicada por cerca de 250 mil euros e irá decorrer durante seis meses.



1 | Vista da torre de menagem do castelo de Beja, quando todos os varandins ainda estavam no sítio.

NVE dá início a obra de reabilitação de edifício do século XIX no Porto

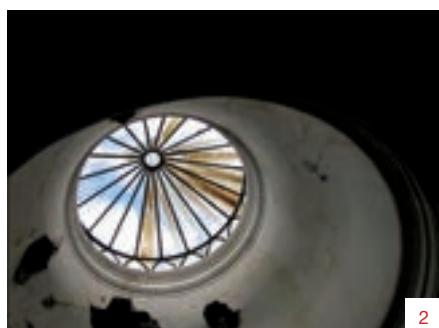


Enquanto dá por concluídas duas intervenções no centro histórico do Porto, a NVE, empresa associada do GECoRPA – Grémio do Património, anuncia o arranque de mais uma obra.

Terminadas as obras de reabilitação de dois prédios situados nas emblemáticas Rua de Santana e Rua de Mouzinho da Silveira, a NVE dá início a uma nova empreitada numa

localização muito próxima, enquadrada num dos eixos considerados estratégicos pela Porto Vivo, SRU. Trata-se da requalificação de um imóvel do séc. XIX e o objetivo é adaptá-lo às necessidades contemporâneas de habitação, mantendo o mais possível a traça original e os materiais e estruturas existentes.

Por acreditar na reabilitação urbana como fator de incremento da competitividade e sustentabilidade das cidades, a NVE tem aplicado a sua larga experiência na requalificação de edifícios históricos na reconversão do património degradado das principais cidades portuguesas.



1 | Aspetto exterior do edifício sito na Rua Mouzinho da Silveira, 230 e 232.

2 | Interior do edifício sito na Rua Mouzinho da Silveira, 230 e 232.

GECoRPA procura colaboradores na área da comunicação



1

A fim conseguir uma maior eficácia no cumprimento da sua missão, o GECoRPA – Grémio do Património precisa de se dar a conhecer.

Para tal, a associação tem de recorrer a métodos avançados de comunicação, o que pode ser visto como um desafio que se coloca aos jovens profissionais desta área, e uma oportunidade para porem em prática os conhecimentos adquiridos.

Seja, portanto, colaborador voluntário do GECoRPA na área da comunicação: adquira experiência e, ao mesmo tempo, contribua para a nobre causa da defesa do património cultural construído do nosso País.

O GECoRPA é uma associação sem fins lucrativos e uma instituição de utilidade pública (despacho n.º 14926/2014 do Diário da República 238/2014, 2.ª Série, de 2014-12-10).

1 | Visita Estaleiro-Aberto à Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Caminha, no Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, em 2014.

ALFREDO & CARVALHIDO

A Alfredo & Carvalhido, Lda. é uma empresa especializada em conservação e reparação de edifícios e Monumentos Nacionais, tendo efetuado várias obras para a Direção-Geral do Património Cultural e outras entidades como Câmaras Municipais, Instituto de Gestão Financeira, Direção-Geral do Turismo, particulares, etc.

Possui grande conhecimento de trabalhos em coberturas, granito antigo, madeiras exóticas, cerâmicas antigas para revestimento, construção de muros em adobe, taipa, xisto, piçarra, granito racheado e rústico, tetos em cal e gesso com sancas, tetos de madeira em maceira e outros, e pintura.



Caminho do Alho, 349,
4925 – 574 Perre,
Viana do Castelo

Tel.: + 351 258 832 072
+ 351 258 830 571
Fax: + 351 258 832 143
Tlm.: +351 968 029 906

www.alfredo-carvalhido.com
geral@alfredo-carvalhido.com
alfredo.carvalhido@mail.telepac.pt



ALFREDO & CARVALHIDO, LDA.
EMPRESA DE OBRAS
PÚBLICAS E
RECONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS
CAMINHO DO ALHO, Nº 349
4925 - 574 PERRE
VIANA DO CASTELO
TEL. 258 832 072 FAX. 258 832 143
TELEFONE MÓVEL: +351 968 029 906
www.alfredo-carvalhido.com
geral@alfredo-carvalhido@mail.telepac.pt

VALORIZAR O SEU PATRIMÓNIO

Projeto de Arquitetura e Reabilitação de Edifícios



Se tem um espaço ou edifício com necessidade de intervenção ou pretende valorizar o seu produto de investimento imobiliário, a Roth Projectos é a sua parceira de qualidade em projetos de arquitetura de reabilitação.



CONTACTE-NOS EM

geral@rothprojectos.pt / 213 876 254



www.rothprojectos.pt

Empresas associadas do GECoRPA — Grémio do Património

GRUPO I

Projeto, fiscalização e consultoria



CONSULTORIA
EM REabilitação
de Edifícios
e PATRIMÓNIO

Consultoria em reabilitação do património edificado.
Inspeção e diagnóstico.
Avaliação de segurança estrutural e sísmica.
Modelação numérica avançada.
Projeto de reabilitação e reforço.
Monitorização.



Construção e reabilitação de edifícios.
Consolidação estrutural.



Projeto de conservação e restauro do património arquitetónico.
Conservação e restauro do património arquitetónico.
Azulejos; cantarias (limpeza e tratamento); dourados; esculturas de pedra; pinturas decorativas; rebocos e estuques; talha.

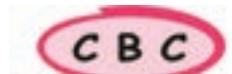
GRUPO II

Levantamentos, inspeções e ensaios



Diagnóstico,
Levantamento
e Controlo de Qualidade
em Estruturas
e Fundações, Lda.

Levantamentos.
Inspeções e ensaios não destrutivos.
Estudo e diagnóstico.



Construção de edifícios.
Conservação e reabilitação de construções antigas.



Reabilitação de estruturas de betão.
Consolidação de fundações.
Consolidação estrutural.



Estudo e valorização do património histórico móvel e imóvel. Projetos de reabilitação e de conservação e restauro. Consultoria sobre o património cultural e controle técnico de obras. Levantamentos técnicos do património construído, estudo e diagnóstico de anomalias para projetos de conservação e restauro. Recuperação do património arquitetónico e arqueológico. Intervenção de conservação e restauro do património histórico integrado, móvel e imóvel.



Reparação e reforço de estruturas.
Reabilitação de edifícios.
Inspeção técnica de edifícios e estruturas.
Instalação de juntas.
Pintura e revestimentos industriais.

GRUPO III

*Execução dos trabalhos.
Empreiteiros e Subempreiteiros*



Conservação e restauro do património arquitetónico.
Reabilitação, recuperação e renovação de construções antigas.
Instalações especiais em património arquitetónico e construções antigas.



Conservação e reabilitação de edifícios.
Consolidação estrutural.
Conservação de cantarias e alvenarias.



Engenharia e construção.



Engenharia, construção e reabilitação.

GRUPO IV

Fabrico e/ou distribuição de produtos e materiais



Investigação, desenvolvimento e comercialização de produtos para a reabilitação e recuperação do património edificado.



Produção e comercialização de materiais para construção.



Fabricante de reforços de estruturas em betão armado e alvejarias com compósitos de fibras. Reforço de pavimentos rodoviários, aeroportuários e portuários com malhas de fibra de carbono e vidro.



Produção e comercialização de produtos e materiais para o património arquitetónico e construções antigas.



Conservação e restauro do património arquitetónico.
Conservação e reabilitação de construções antigas.

Gabinete de estudos e projetos
Reabilitação de edifícios
Restauro e conservação do património arquitectónico construído



Projetos de reabilitação, reforço e eficiência energética de edifícios.
Operações de reabilitação em betão, coberturas planas e inclinadas, fachadas em reboço, pinturas e revestimentos cerâmicos.
Isolamento térmico pelo exterior.
Inspeção e diagnóstico de diferentes patologias ao nível do edificado.



Conservação e reabilitação de edifícios.
Consolidação estrutural.
Cantarias e alvenarias.
Pinturas e carpintarias.
Conservação e restauro de património artístico.



GECoRPA

GRÉMIO DO PATRIMÓNIO

Boletim de Assinatura da *Pedra & Cal*



- Assinatura anual de dois números da *Pedra & Cal*: €10,00 (portes incluídos)
- Assinatura anual para estudante de dois números da *Pedra & Cal*: €8,50 (portes incluídos, necessário envio de comprovativo da condição de estudante)

Nome: _____

Morada: _____

Código - Postal: _____ Localidade: _____

Telefone: _____ E-mail: _____

Nº Contribuinte: _____

Atividade / Profissão: _____

Modalidade de Pagamento:

- NIB: 0033 0000 0022 8202 78305 Millennium BCP (agradecemos o envio do comprovativo de pagamento por email)
- Cheque à ordem de GECoRPA – Grémio do Património, nº _____

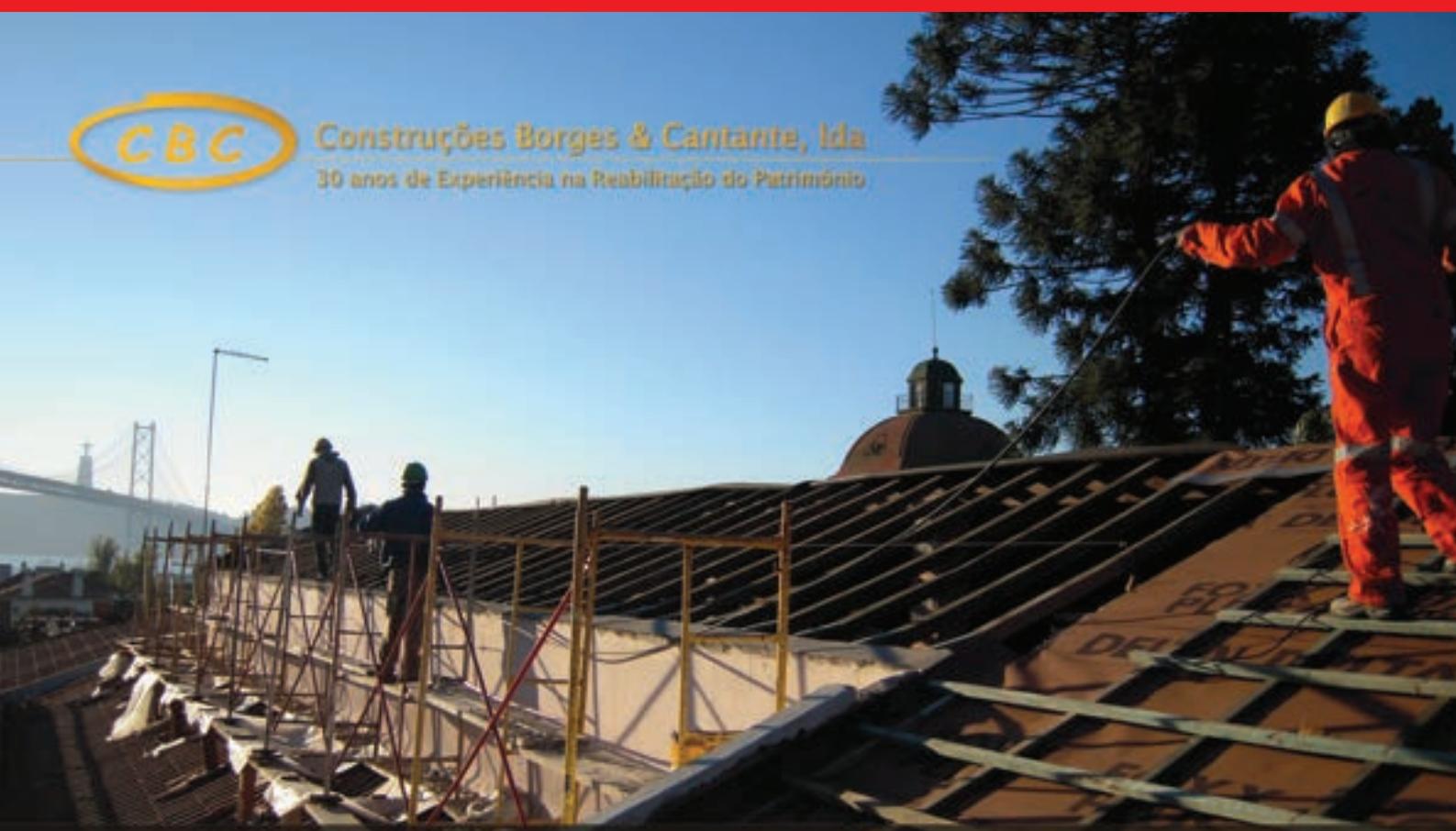
www.gecorpa.pt

GECoRPA - Grémio do Património | Av. Conde Valbom 115, 1º Esq. | 1050-067 Lisboa
T. 213 542 336 | info@gecorpa.pt | www.facebook.com/gecorpa

CBC

Construções Borges & Cantante, Lda

30 anos de Experiência na Reabilitação do Património



GECoRPA:
Grémio do Património
- Sócios Fundadores -

Presid. do Conselho de Ministros
Gabinete Nacional de Segurança
- Empresa Certificada -

IAPMEI - PME Líder
Construção
- Empresa Certificada -

IAPMEI - PME Excelência
Construção
- Empresa Certificada -

Empreitada de Revitalização do Palácio Burnay - Fase I
Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa

<http://www.cbc.pt> | geral@cbc.pt



GECoRPA
GRÉMIO DO PATRIMÓNIO
Instituição de utilidade pública
(despacho n.º 14926/2014 do D.R. 238/2014, 2.ª Série, de 2014-12-10)

Dez bons motivos para se tornar associado empresarial do GECoRPA

1 – Experiência

Os associados têm a oportunidade de contactar com outras empresas e profissionais do segmento da reabilitação, e trocar experiências e conhecimentos úteis. O Grémio constitui, por essa razão, um fórum para discussão dos problemas do setor.

2 – Representatividade

O GECoRPA – Grémio do Património garante uma maior eficácia na defesa dos interesses comuns e uma maior capacidade de diálogo nas relações com as entidades oficiais para melhor defesa da especificidade do setor.

3 – Concorrência Leal

O Grémio do Património bate-se pela sã concorrência entre os agentes que operam no mercado, defendendo a transparência, o preço justo e a não discriminação.

4 – Referência

Muitos donos de obra procuram junto do Grémio os seus fornecedores de serviços e produtos. Pertencer ao GECoRPA – Grémio do Património constitui, desde logo, uma boa referência.

5 – Formação

Os sócios têm prioridade na participação e descontos na inscrição das ações de formação e divulgação promovidas pelo Grémio do Património.

6 – Informação

O GECoRPA – Grémio do Património procede à recolha e divulgação de informação técnica sobre o tema da reabilitação, conservação e restauro do edificado e do Património.

7 – Gestão da Qualidade

O Grémio do Património proporciona apoio à implementação de sistemas de gestão da qualidade e à certificação, oferecendo aos sócios condições vantajosas.

8 – Publicações

Com uma tiragem semestral de 2500 exemplares, a revista **Pedra & Cal**, editada pelo Grémio, é o veículo preferencial para o debate de temas e problemas do setor. Os sócios recebem-na gratuitamente.

9 – Publicidade e Marketing

O GECoRPA – Grémio do Património distingue as empresas associadas em todas as suas atividades. Os sócios beneficiam de condições vantajosas na publicidade da **Pedra & Cal** e no **Anuário do Património**, onde podem publicar notícias, estudos de caso e experiências da sua atividade.

10 – Presença na Internet

O sítio web da associação constitui um prestigiado centro de informação das atividades, soluções e serviços de cada associado na área da conservação e da reabilitação do património construído.

*Ajude a defender o Património do País:
as futuras gerações agradecem!
Pela salvaguarda do nosso Património: Adira ao GECoRPA!*

stap

STRUCTURAL IMPROVEMENT WORK OF THE S. FRANCISCO CHURCH, ÉVORA

The improvement work of the S. Francisco Church, in Évora, involving an investment of over three million euros, comprises an intervention of constructive and structural nature, including the strengthening of the church structure and the roof repair. The intervention seeks to correct deficiencies of the expected behavior in case of an earthquake, detected through studies carried out by the Department of Civil Engineering of Instituto Superior Técnico, while the roof repair will improve its watertightness and thermal insulation.

The central aisle vaults of the church showed longitudinal cracks of considerable dimensions. One of the foreseen measures is the installation of ties consisting of stainless steel rods anchored in the masonry by means of grout injection. The rods are enveloped in expansive textile sleeves in order to prevent contamination of the surrounding masonry and damage to the surface renders by surplus grout.

Photos:

- 1 - Drilling for tie rod installation.
- 2 - Preparing stainless steel bolts.
- 3 - Drilling for bolt installation.

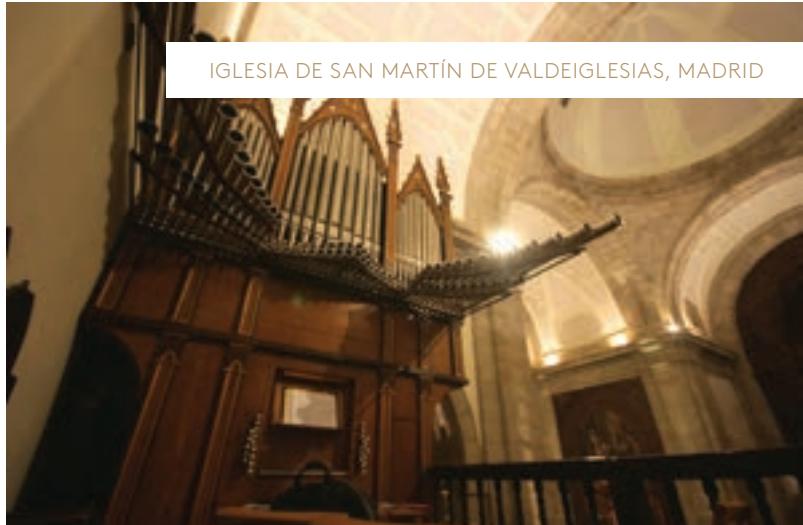


Repair,
Consolidation
and Modification
of Structures, S.A.

Contractor permit no. 1900
Head Office: R. Marquês de Fronteira, n.º 8, 3.º Dto.
1070-296 Lisboa
Tel.: +351 213 712 580
www.stap.pt | info@stap.pt



SAMTHIAGO – CONSERVACIÓN Y RESTAURACIÓN
www.samthiago.com | geral@samthiago.com



IGLESIA DE SAN MARTÍN DE VALDEIGLESIAS, MADRID



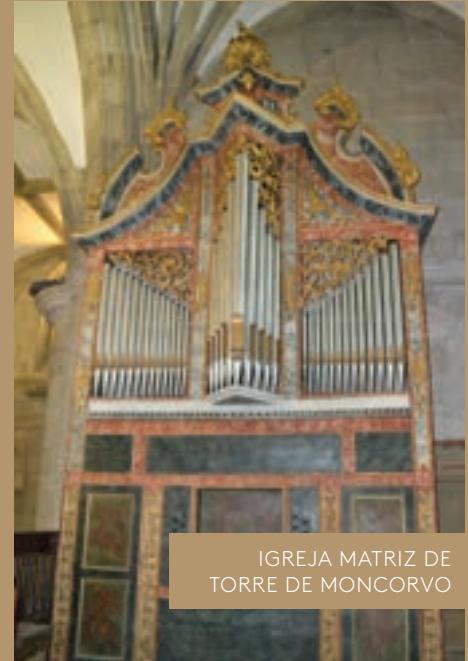
ERMITA DE NUESTRA SEÑORA DE TIEDRA, VALLADOLID



MOSTEIRO DE SANTA MARIA
 DE POMBEIRO, FELGUEIRAS



IGREJA DOS CLÉRIGOS, PORTO



IGREJA MATRIZ DE
 TORRE DE MONCORVO

CONSERVACIÓN Y RESTAURACIÓN
 del patrimonio histórico y artístico



ORGANARIA ACITORES – ORGÃOS DE TUBOS
www.orgacitores.com | comorgacitores@orgacitores.com

Taller de Organería
ACITORES, S.L.